

A LOCOMOTIVA

NA

ERA VIRTUAL

Romance infanto-juvenil

e-mail: veralu@amcham.com.br

nota: foi usada a palavra *escanear* para designar a operação em que com o uso do *scanning*, transportam-se imagens do papel para a tela do computador. Embora a tradução correta seja varredura, os usuários de computador usam *escanear*.

"O que foi, isso é o que há de ser,
e o que se fez, isso se tornará a fazer;
de modo que nada há de novo debaixo do sol."
LIVRO DO ECLESIASTES

1. A morte

Quando Camila viu sua avó Francisca no caixão, coberta de flores e prontinha para ser velada e enterrada, começou a chorar. Toda a sua família pensou que chorasse de tristeza, mas era de desapontamento.

Aquela avó havia sido sua melhor amiga. Diziam que tinha quase cem anos. No entanto, parecia uma mulher forte e saudável e sempre esteve muito disposta para contar suas histórias fantásticas.

Naquele dia, sem que estivesse doente ou demonstrasse qualquer sinal de fraqueza, algumas horas antes de morrer, chamou a neta e anunciou que seu fim estava próximo.

Surpresa, pensando se tratar de mais uma das histórias fantásticas da avó, Camila acompanhou-a ao quarto. Não era comum a avó deitar-se durante o dia. Sempre que cochilava era sentada no sofá. No entanto, naquela tarde deitou-se na cama e cobriu-se com o lençol. Camila esteve com ela, alisando-lhe os cabelos, acariciando-lhe as faces e ouvindo as histórias recontadas tantas vezes, sempre com detalhes novos e interessantes. Quando a avó começou um assunto sério sobre vida e morte, segurou-lhe as mãos e sentiu com muita nitidez o tanto de ternura que por toda a vida houve entre elas.

De repente, vó Francisca exalou um profundo suspiro e Camila pressentiu que alguma coisa muito diferente estava ocorrendo. Era como se uma imensa quantidade de borboletas coloridas se levantassem do seu corpo, voegassem colorindo e perfumando o quarto e saíssem pela janela para uma fantástica viagem intergaláctica. Na cama, restou uma boneca de cera que já não serviria para mais nada.

A cena deixou Camila extasiada. Levou algum tempo até que alguém entrasse no quarto, percebesse que vó Francisca estava morta e começasse a gritar, quebrando o encanto.

Camila não sentiu medo por um único instante e pretendia continuar ao seu lado, acompanhando todos os preparativos para o enterro. No entanto, seus pais e tios chegaram espavoridos, gritando e clamando pelo médico e a puseram para fora do quarto, alegando que aquilo não era assunto para criança.

Não a deixaram escolher a roupa com que a avó seria enterrada, não permitiram que visse como se arruma um morto. Camila sabia que onde quer que estivesse, o espírito da avó entenderia o por quê de não ter sido ela a vesti-la e prepará-la.

Com certeza teria muito mais calma para a tarefa do que a mãe e as tias, que pareciam umas baratas tontas, andando de um lado para o outro, sem fazer ou resolver coisa alguma.

O coração de Camila encheu-se de desapontamento ao ver entrar no quarto uma pessoa estranha. Então soube que tiveram de contratar uma enfermeira para que vestisse vó Francisca, pois nenhuma delas tinha cabeça ou capacidade para fazê-lo.

Camila não só manteve toda a calma como se recordou de uma das últimas frases da avó quando falava sobre vida e morte. Sua voz ainda ressoava afirmando que para um espírito que sabe que cumpriu sua missão na terra, a morte era apenas mais uma grande aventura que se seguia às tantas outras que vivemos.

2. As histórias

Em todas as famílias existe uma pessoa de quem gostamos mais. Na família de Camila, sua preferida era vó Francisca. Claro que a preferida de vó Francisca era Camila!

Desde que Camila nasceu que a avó se ocupava de suas fraldas e mamadeiras, dos banhos e dos brinquedos. Enquanto executava as tarefas ia contando histórias e mais histórias sobre a vida de seus antepassados. Desde que tivera idade para entender, Camila se deliciara com as narrações. Chegou a um ponto em que as duas conversavam tão naturalmente sobre fatos ocorridos há tanto tempo que eles até pareciam fazer parte da vida presente.

Tudo aquilo era quase um segredo entre as duas. Quando qualquer um dos outros familiares ouvia algum lance das histórias, limitavam-se a sorrir com benevolência. Longe da avó, aconselhavam Camila a esquecer-lhe as maluquices. Afirmavam que suas narrações eram delírios da velhice! Uma mulher daquela época, jamais poderia ter vivido tais aventuras.

Ouvindo esses comentários, vó Francisca olhava para os filhos, genros e noras com desprezo. Segredava à neta que eles haviam estudado em bons colégios, conseguido bons cargos, casado com pessoas de famílias respeitáveis e pareciam uns ignorantes. Não eram capazes de compreender que os fatos no passado haviam sido do jeitinho que ela contava!

Pouco antes de ir, já com os olhos se embaçando pela morte, vó Francisca mencionou alguma coisa que fez com que Camila ficasse na dúvida se ela estava mesmo boa da cabeça. Falou-lhe que para melhor reviver as histórias no computador era preciso usar suas luvas e seus óculos.

Há algum tempo que as duas viviam escrevendo e ilustrando as histórias no computador. Camila jamais soube que ela usasse óculos e luvas para melhor revivê-las!

De qualquer forma, tão logo passou o encanto de ver a alma da avó seguindo para o Universo, teve o cuidado de retirar-lhe as luvas e os óculos. E tratou de escondê-los a fim de que, desbaratados que estavam com a morte, seus familiares não acabassem por enfiá-los dentro do caixão.

3. O computador

Ao ver a avó no caixão, uma boneca de cera vestida, penteada e coberta por umas flores que não eram tão feias, o desapontamento de Camila foi passando. Distraiu-se observando os tantos parentes que chegavam e pensou que existia uma fase da vida em que os adultos ficavam tão entretidos com seus trabalhos e profissões, e não tinham tempo para prestar atenção a quem os rodeava, especialmente os que ficavam em casa se ocupando do bom funcionamento da vida doméstica.

Na casa de Camila, vó Francisca era quem ficava em casa, decidia o que a empregada iria cozinhar e supervisionava a lavagem e passagem das roupas, bem como a limpeza. Diziam que ela estava cadudando, mas Camila queria ver quando comessem os chiliques por que as roupas não estavam bem passadas ou a comida não estava do gosto.

Camila tinha 13 anos e estava na sétima série. Ia à escola todas as manhãs, retornava para o almoço e, à tarde, ficava em casa fazendo os deveres e observando toda a função para que uma casa mantivesse o conforto de seus habitantes.

Diziam que vó Francisca, quando contava suas histórias, estava acometida dos delírios da velhice. Mas desde que o pai comprara o computador a fim de que os filhos se familiarizassem com a informática, foi a avó quem mais o usou e quem mais se divertiu.

Camila poderia afirmar que sua vida tinha duas fases muito distintas: uma antes e outra depois do computador chegar em sua casa. Seus dois irmãos mais velhos limitaram-se a aprender a manejá-lo, e só tinham interesse pelos desafios dos jogos. Camila fez um curso e, tudo o que aprendeu, ensinou à avó.

Antes, as histórias eram somente narradas. Com a chegada do computador, as coisas ficaram mais emocionantes. Vó Francisca achou divertidíssima a idéia de ter uma tela grande e colorida onde podia não só escrever as histórias, como - melhor ainda! - *escanar* as fotos, aperfeiçoando-as e colocando-as no meio dos fatos.

Enquanto só relatava, os olhos de vó Francisca ficavam fixos num ponto, perdidos no passado. Com a chegada do computador, suas feições se agilizaram. Dizia que aquela máquina, além de todo o prazer que proporcionava com as realidades virtuais, ainda exercitava-lhe os neurônios! E para que a vida fosse boa, era preciso que a cabeça estivesse funcionando perfeitamente!

Camila aprendeu todos os recursos gráficos para sobrepor imagens e melhorá-las, até que coincidissem com as que havia na memória da avó.

Foram muitas as tardes em que as duas ficavam escrevendo as histórias, coletando todo o tipo de fotos da época e *escaniando-as* para o computador a fim de tornar a história mais real. Camila tinha certeza absoluta de que o computador continha tudo o que havia na cabeça da avó.

4. O velório e o enterro

Finalmente o alvoroço dos preparativos para o enterro se acalmou. Puseram o caixão da avó na sala, acenderam as velas e colocaram as cadeiras encostadas às paredes para que a velassem por toda a noite.

Sentada, respirando o cheiro enjoativo das flores, Camila percebeu que o tempo naquela sala parecia seguir mais devagar do que no resto do mundo. Tentou se distrair observando os parentes que chegavam até que não agüentou mais de sono e foi para o seu quarto. Parou na porta do quarto dos irmãos. Eles estavam entretidos, com os olhos fixos na tela da televisão e as mãos nos controles. Percorriam a sala secreta do jardim das Ninjas. E era preciso todo o cuidado para, sem cair nos abismos, alcançar o pergaminho que continha a palavra chave que tornaria o jogador invencível.

- Vocês sabem que vó Francisca morreu?, - ela perguntou com um sorrisinho irônico. Os irmãos eram alucinados por aqueles aparelhos que produziam jogos na tela da TV e nem que o mundo estivesse se acabando eles saíam da frente da tela. Tinham aptidão para vencer todos os obstáculos propostos, até as fases mais adiantadas.

- Vê se não amola! - Um deles falou sem tirar os olhos da tela.

Camila estava tão cansada que deixou passar. Não estava com disposição para começar uma discussão. Foi para o quarto, se deitou e dormiu em seguida. No amanhecer ainda escuro do dia seguinte, um sonho a despertou.

Andava sozinha por um descampado quando viu um dragão resfolegante levantar-se com uma força sísmica, emitindo um rugido de cataclisma. Apesar do tamanho e do peso, o monstro ficou como que flutuando no ar.

Aquilo lhe pareceu ao mesmo tempo estranho e engraçado. Mas antes que tivesse tempo de refletir sobre as imagens do sonho, recordou-se da avó morta. Saiu da cama e foi para a sala. Lá estava ela no caixão entre as flores, a mesma boneca de cera que deixara antes de se deitar. Então tomou banho, aprontou-se e ficou na sala até que finalmente chegou a hora de ir para o cemitério.

O enterro foi triste e ela teve de suportar uma oração de beira de cova, seguida por um discurso onde se elogiava a vida da defunta, o sacrifício que fez para criar os filhos, seu horror aos vícios, seu equilíbrio de caráter acordando e se deitando no mesmo horário em que as galinhas o faziam. E o orador terminou por apontar ameaçadoramente o dedo indicador aos presentes e proclamar que não se iludissem, todos acabariam numa cova igual àquela. Não sobraria ninguém!

Só então o caixão foi colocado lá em baixo, fecharam o túmulo e puseram sobre ele as coroas de flores. Num silêncio constrangedor voltaram para a casa. Se tivesse com os pais ou irmãos a mesma afinidade que tinha com a avó, iria criticar as orações e discursos. Deveriam começar pelo que a própria avó lhe dissera: para um espírito que sabe que cumpriu sua missão na terra, a morte era apenas mais uma grande aventura que se seguia às tantas outras que vivemos. Não era uma ameaça como o orador fizera: Não sobraria ninguém! A aventura simplesmente continuava de outra forma!

Em casa, Camila foi para o quarto e estava pensando na avó quando se recordou de suas palavras alertando-a que para melhor rever as histórias era preciso usar as luvas e os óculos. Recordou-se também que tão logo a alma da avó se fora, retirara e escondera suas luvas e os óculos.

Sem que ninguém notasse, Camila foi até o quarto da avó e pegou-os. Entrou no escritório, fechou a porta e ligou o computador. Assim que as letrinhas apareceram, ela chamou na tela a história que a avó mais gostava: a da chegada da locomotiva a São Paulo.

5. As luvas e os óculos

Camila viu a primeira imagem surgir na tela. Era a rua de uma cidade antiga, onde alguns homens seguiam mulas carregadas de sacas. A história que vó Francisca contava sobre a chegada da locomotiva sempre começava pela tropa de mulas e cavalos que, na época, era a única forma de transporte para a produção de café do sertão paulista até o porto de Santos.

Contara essa história muitas vezes e dizia ser sua preferida por dois motivos. O primeiro e mais importante era a mágica da locomotiva. Numa época em que só havia charretes puxadas por cavalos ou cadeirinhas carregadas por escravos, alguma coisa que caminhava sem ser puxada ou empurrada, fruto da pura invenção dos ingleses, tinha a aparência de milagre. O segundo motivo era que, justamente na viagem inaugural do trem, vó Francisca, pela primeira vez na vida, viu a morte de perto!

Aprendidas as técnicas para manejar o computador, foram tardes e tardes coletando velhas fotos nos livros das bibliotecas a fim de *escanear-las* e melhorá-las na memória do computador, até que a avó ficasse satisfeita. Eram também sobrepostas fotos e figuras de quadros dos antepassados que se deixaram fotografar ou pintar.

Aquele trabalho havia divertido Camila e fez com que conhecesse a história talvez até melhor do que a avó. No entanto, jamais havia estado frente à tela com os óculos e as luvas.

Que surpresa lhe preparara a avó? Será que enquanto estava na escola, a avó ficava sozinha no computador e descobrira maneiras diferentes de usá-lo? Para saber só calçando as luvas e colocando os óculos. E foi o que Camila fez!

No mesmo instante, um estranho estremecimento percorreu-lhe o corpo e uma comoção abalou o mundo ao seu redor.

6. O reencontro

Passaram-se uns momentos em que Camila se sentiu flutuante, uma pluma suspensa no ar, totalmente perdida no espaço e no tempo. A sensação de leveza foi seguida por outra de amolecimento dos membros. Foi um cheiro bom de terra molhada que impregnou o ar e fez com que voltasse a se sentir viva.

Estava deitada no chão. Passou a mão ao redor e sentiu a umidade da grama. Olhou o céu de um azul muito claro. Sobre sua cabeça deslocava-se uma nuvem de formigas voadoras. A nuvem se desfez no chão e ela examinou cada detalhe à sua volta. Não tinha dúvidas, estava dentro da cena da tela do computador, no meio das imagens de uma cidade de sobrados lúgubres e conventos misteriosos.

O barulho dos cascos das mulas batendo no calçamento de pedras fez com que se apoiasse nos cotovelos e tomasse conhecimento do que estava ao seu redor. Era como se estivesse em outro planeta! Viu-se com roupas estranhas, numa rua onde o mato insistia em crescer entre as pedras irregulares e ia serpeando por uma colina até acabar em nada.

Observou que as mulas vinham em sua direção. Não sentiu medo, mas a estranha sensação de que não sabia o que fazer, nem o que iria acontecer. Foi então que viu o vulto de uma mulher com a cabeça e o rosto cobertos por um véu. Ela acabava de desmontar e continuava o trajeto a pé.

Bem próxima, a mulher fez um gesto teatral e tirou o véu. Boquiaberta, Camila reconheceu vó Francisca. A mesma mulher de sempre só que mais moça, com o rosto sem rugas, o corpo sacudido e os olhos mais brilhantes. Exatamente como numa das fotos que haviam *escaniado* para o computador.

Como se fosse a coisa mais normal do mundo estarem ali, pegou Camila pela mão obrigando-a a se levantar.

- Não podemos perder tempo!, - falou. - Primo Joaquim já está em Santos, recém-chegado da corte do Rio de Janeiro e vamos buscá-lo. Ele veio de navio, e é preciso ajudá-lo com toda a bagagem que vem trazendo para viver em São Paulo e estudar na Academia de Direito do Largo de São Francisco!

Camila estava atônita com tudo aquilo, especialmente com a emoção do reencontro, mas a avó não lhe deu tempo para pensar, continuou falando:

- Só gente muito importante tem o privilégio de estudar nesta escola! E seu primo Joaquim está saindo da corte do Rio de Janeiro para estudar aqui!

Atrás de vó Francisca estavam dois escravos a cavalo, puxando outros dois cavalos. Eles desmontaram e ajudaram as duas mulheres a montar. Camila estava atrapalhada. Jamais havia andado a cavalo. Mas sua atrapalhão maior vinha do fato de reencontrar a avó vivinha ali na sua frente. Afinal há poucas horas vira-a morta e enterrada e ali estava ela, naquele mundo tão

desconhecido falando de um primo que tampouco lhe era familiar.

- Vó, como você veio parar aqui, viva de novo?, - ela perguntou logo depois de ter montado.

- É a realidade virtual!, - vó Francisca respondeu como se fosse a coisa mais natural do mundo. - Mais ou menos como no cinema onde as imagens reais e virtuais, ou seja, de verdade e de mentira, se misturam e ninguém tem certeza sobre quem é real ou quem é um simples clone criado pelo computador. Quando se vai assistir a um filme, entra-se na sala escura e acredita-se na história!

- E esse véu, por que o está usando?

- Querida, na época em que estamos, as mulheres não saem de casa sem chapéu ou mantilha. Este véu se chama mantilha! Gosto mais de usar chapéu, mas como sabia que iria encontrá-la, quis aparecer coberta pela mantilha e fazer-lhe uma surpresa!

- Como você sabia que iria me encontrar?

- Ora! Nós sempre estivemos nas mesmas histórias! - Vó Francisca levantou as sobrancelhas como se tudo aquilo fosse muito natural. - Mas vamos deixar as explicações para depois. Agora temos de nos apressar para encontrar a tropa! Eles estarão no Alto da Serra. Descer a serra não é fácil, e será mais seguro estando junto com outros cavaleiros!

7. A cavalgada

Seguraram as rédeas, chicotearam os cavalos e imediatamente eles se puseram a trotar. A avó cavalgava muito bem e parecia gostar de fazê-lo. De modo que Camila achou melhor deixar as perguntas para depois. Com certeza teriam muito tempo juntas, e acabaria entendendo o mundo em que estava!

Enquanto experimentava a sensação do corpo chacoelar sobre o cavalo, recordou-se que nas tantas manhãs em que ficava lidando no computador, aprendera que um ator de cinema ou televisão podia estar em casa jantando com a família e sua imagem, anteriormente *escaniada* para o computador, ficava representando em seu lugar.

Também faziam como no filme dos dinossauros, onde imagens de animais que existiram há milênios eram desenhadas por bons artistas, *escaniadas* para o computador e apareciam como se fossem animais vivos. Para contracenar com eles, sobrepunham imagens de atores e ninguém sabia quem era de verdade e quem era de mentira.

- Você vai saber como as mulas descem a serra! - De cima do cavalo, a avó falou numa voz quase gritada para que fosse ouvida, interrompendo-lhe os pensamentos.

- Vó, vá mais devagar! - Os olhos de Camila estavam arregalados com o esforço de se segurar na cela, segurar os arreios e equilibrar-se sobre o cavalo.

A avó manejou as rédeas e se aproximou.

- Estamos bem devagar! Quero ver a hora que sairmos da cidade e começarmos a cavalgar de verdade!

Camila se agarrou com mais força à cela. A avó manobrou o cavalo para ficar bem ao lado de Camila e colocou a mão no seu ombro.

- Não tenha medo, você vai ver como as histórias que eu contava aconteceram!

Embora tudo o que a avó tivesse dito até ali fosse inacreditável, Camila não podia deixar de confiar nela.

- Você vai gostar muito de conhecer o primo Joaquim, - a avó continuou.

- Vó, você me contou tantas histórias, mas não me lembro de nenhuma em que estivesse esse primo. - Camila tentava se concentrar na conversa e esquecer que estava sobre um cavalo.

- Como não! Pusemos várias fotos dele no computador. Talvez sua cabeça não ande muito boa! - Vó Francisca olhou-a com espanto.

- Não me lembro de ninguém jovem nas nossas histórias! Parece que nossos antepassados eram velhos ou crianças!

- Quando você encontrar o primo Joaquim, vai se lembrar que me ajudou a *escaniar* sua foto. - Depois de ficar um tempo pensativa, vó Francisca voltou a falar: - Quando chegou a São Paulo para estudar, ele tinha 18 anos. Era um jovem! Aqui, na época em que estamos, no século XIX, ninguém tira foto sem ser vestido com terno e casaca e muito menos sem fazer uma pose respeitável.

Talvez por isso você não se recorde dele como um rapaz.

Camila buscou na memória as tantas imagens de parentes que *escaniaram*, mas nenhuma delas lhe parecia de um rapaz de 18 anos, o que lhe aguçou a curiosidade.

8. A época

Apesar da avó se esforçar para manter a conversa e distrair Camila, ela sentia-se insegura e amedrontada. Imaginando como seria descer a serra, perguntou à avó se não seria mais fácil esperar o primo em São Paulo e assistir à descida da serra pelo noticiário da noite, na televisão.

Vó Francisca caiu na gargalhada.

- Noticiário da noite! - Repetiu balançando a cabeça. - Você é capaz de imaginar uma época onde não existe televisão?

Camila não era. Estava realmente em outro planeta.

Com o cavalo bem próximo ao de Camila, vó Francisca alisou-lhe os cabelos e foi explicando que a televisão era coisa muito moderna. Na época em que estavam era preciso ver os fatos acontecerem, ou esperar que alguém os visse e viesse contar!

A rua em que cavalgavam terminava num largo aonde havia um chafariz. Vó Francisca apontou algumas negras que enchiam os cântaros de água. Aproveitou para informar que não existia água encanada.

- Você está acostumada a abrir a torneira e usar a água sem saber de onde vem. As coisas aqui são diferentes! - A avó tentava explicar.

Quem morava em chácara tinha um poço e puxava a água num balde amarrado na ponta de uma corda. Quem vivia na cidade, mandava seus escravos ou empregados buscarem água no chafariz.

Era ali que as pessoas se encontravam todas as manhãs e, além de pegar água, sabiam das novidades e das fofocas! Também a tropa parava ali e, enquanto as mulas bebiam água, os homens iam contando as notícias que traziam do sertão ou do porto de Santos.

Sem televisão, era preciso usar muito mais a imaginação para idealizar as coisas. No tempo em que Camila vivia de verdade, ao se falar em um foguete indo para a lua, a televisão mostrava tudo e as pessoas ficavam sabendo exatamente o que era e como era.

No tempo em que estavam, ou seja, em meados do século XIX, ao inventarem os motores a vapor e a locomotiva, apesar de já existirem jornais e livros com gravuras, ninguém fazia a menor idéia do que fosse aquilo.

Nas conversas, havia muito assunto de casas mal-assombradas e almas de outro mundo. Havia descrições de alguns monstros, como o dragão, que muita gente jurava ter visto. Quando se falava numa máquina soltando fumaça e se movimentando sem cavalos ou mulas para puxar, as imaginações mais fervilhantes entreviam um monstro resfolegante. E eram estas as pessoas que saíam contando como era uma locomotiva. Só que a descreviam de acordo com sua imaginação, tendo muito pouco a ver com a realidade.

9. A realidade virtual

Camila estava se acostumando à idéia de estar dentro daquela cena, numa época muito anterior a que vivia. Era como se estivesse num sonho ou num filme. No entanto, intrigava-a o fato da avó ser tão jovem. Jamais a vira assim.

- Vó, como você faz para estar tão jovem?, - resmungou ela.

- Menina, pare de pensar na vida e viva!

Percebendo que Camila não estava muito feliz com a resposta, vó Francisca tentou esclarecer, explicando que aquela realidade estivera em sua cabeça contada por suas antepassadas e ela montara a história no computador. Era simplesmente uma realidade virtual. Uma realidade produzida pelo computador e elas poderiam ver e participar de tudo aquilo do jeitinho que estivera na mente de suas antepassadas!

Havia um detalhe importante. Como se fosse o destino, não poderiam interferir nas histórias que já estivessem gravadas, pois eram vidas já vividas. Havia ocorrido da forma como contara!

- E agora que eu estou aqui, os fatos não ficam diferentes? - Camila perguntou.

- Menina, pare de pensar na vida e viva!, - a avó franziu a testa e manobrou seu cavalo a fim de se afastar de Camila.

- Você repetiu tantas vezes que essa história era sua preferida pela magia da locomotiva e por ter visto a morte pela primeira vez! - Camila mudou de assunto para não aborrecê-la.

- Quem viveu essa história foi a minha mãe Elisa, ou será que foi minha avó Carolina? Já nem sei! - Vó Francisca olhou o horizonte, buscando dados na memória. - Quando nasci, o trem já não era novidade! No entanto, ouvi tantas vezes sobre o espanto que foi sua chegada, que era como se eu mesma tivesse vivenciado a cena!

Mais uma vez Camila começou a tentar entender, mas achou que era melhor seguir a avó vendo e vivendo tudo aquilo. As duas ficaram quietas. O silêncio era tão profundo que seus passos soavam no calçamento de pedras irregulares.

E foi no meio do silêncio que um gemido horripilante fez os cavalos pararem.

- É o barulho de um carro de boi. Seus donos não azeitaram as rodas como deveriam.

- Vó Francisca abanou a mão, como era seu jeito de dizer que a coisa era sem importância.

Com o olhar indiferente, a boca movimentando-se na ruminação de algum alimento, surgiram de uma esquina dois bois puxando um imenso carro cheio de madeira. Num ritmo muito lento, eles se cruzaram, cumprimentaram os homens sentados sobre a carga e seguiram.

Camila sorriu ao pensar que, na cidade de São Paulo, foi o único veículo com que cruzaram! Aos poucos foram se afastando das casas que formavam o centro da cidade e aproximaram-se de um rio. Entre as pedras das margens, havia diversas mulheres negras lavando roupa. Camila ficou sabendo que não havia máquinas de lavar roupa e que aquelas mulheres passavam de casa em casa, levavam as roupas sujas para serem lavadas na beira do rio e as devolviam

limpas e passadas com um ferro que esquentava com brasas de carvão. Eram escravas que haviam sido libertadas, e faziam esse trabalho para ganhar a vida.

- Vó, esfregar roupas sobre as pedras do rio me parece um trabalho tão estafante que as máquinas de lavar poderiam ser consideradas um trabalho virtual.

A avó limitou-se a sorrir. Para Camila era tanta novidade que nem sabia por onde começar a se espantar.

10. **Saindo da cidade**

Os cavalos subiram uma pequena colina e do outro lado era a mata. Ali a cidade acabava. Voltaram-se, e pela última vez avistaram São Paulo. Era inacreditável que aquele amontoado de casinhas fosse a mesma cidade onde haviam enterrado a avó! Camila nem saberia descrever a insignificância que eram aquelas ruazinhas terrosas, com sobrados que pareciam desabitados, uma ou outra igreja, umas poucas pessoas caminhando.

Nas ruas onde hoje só poderia ter um congestionamento de carros, avistou uma cabrita comendo mato e uma galinha com os pintinhos ciscando à sua volta, sem nenhum sobressalto. Sem a menor idéia do que algum dia iriam inventar um automóvel que viria assustá-las e atropelá-las.

Camila estava distraída observando e pensando. A avó bateu palmas a fim de chamar-lhe a atenção. Era preciso chegar ao Alto da Serra antes do anoitecer.

Apressando o passo dos cavalos, deixaram para trás a cidade e se embrenharam pela mata. Os dois escravos cavalgavam calados. Quando um deles dirigiu-se a Camila, foi de uma forma que ela jamais havia ouvido:

- Sinhazinha está gostando da viagem?, - ele falou e abriu um sorriso cheio de simpatia e de dentes muito brancos.

Camila achou engraçado ser chamada de sinhazinha.

- Acho que vai ser muito divertido! - Ela respondeu e, em seguida, deu um profundo suspiro ao observar a mata que havia pela frente. Sentiu que o medo voltava a crescer.

- Você vai se encantar pelo primo Joaquim! - Vó Francisca bateu-lhe nas costas.

Os quatro cavalos estavam numa marcha mais rápida. Camila tentou buscar a imagem do primo na memória, mas a mata à sua volta não a deixava se concentrar. Ouvia barulho de animais que não conseguia identificar e sentia um suor frio brotar-lhe nas costas. Não estava acostumada a cavalgar e seu corpo começava a ficar dolorido, mas não se queixava. Tentava manter o pensamento na aventura que estava vivendo e no que mais teria pela frente.

- Vó, por que não podemos ir hoje mesmo até Santos?

- Você logo vai saber.

Depois de algumas horas de cavalgada ela entendeu por que havia alguns albergues no Alto da Serra com pastos para os animais. Ninguém agüentava fazer aquela viagem de uma assentada. Especialmente os cavalos, pois eles não eram como automóveis ou caminhões. Não bastava pôr combustível, eles tinham de descansar! E as pessoas sobre eles muito mais!

11. O Alto da Serra

- Aqui é o albergue onde vamos pernoitar! - Vó Francisca anunciou depois de algumas horas de cavalgada.

Camila suspirou aliviada ao perceber que a uma etapa da viagem estava vencida e teria chance de descansar.

O albergue do Alto da Serra era uma casa muito grande, com largos beirais e um ar bastante acolhedor. Ao fundo, havia um rancho e um cercado com umas tantas mulas e cavalos pastando e se recuperando dos trechos cavalgados.

Camila ia perguntar se a avó havia feito reservas, mas antes de começar a falar se lembrou que não havia telefone ou qualquer meio de comunicação para fazer reserva.

As duas entraram e conseguiram um quarto para passar a noite. Os dois escravos ficaram cuidando dos cavalos. Tanto os escravos como os cavalos dormiriam no rancho.

No quarto, Camila e vó Francisca acomodaram suas coisas e escovaram o pó das roupas. Lavaram as mãos e o rosto com a água de uma jarra que se despejava em uma bacia. O banheiro era um quartinho minúsculo e desconfortável atrás da casa.

Ao ver a cama, Camila sentiu um tremendo desejo de se atirar sobre ela e não pensar em mais nada. Sentiu seu estômago roncar de fome. A avó ouviu e colocou a mão sobre o próprio estômago. As duas sorriram. A fome fez com que fossem para a sala.

Ainda não haviam inventado o hambúrguer ou o cachorro-quente, nem qualquer tipo de lanchonete. Na sala do albergue era servida uma sopa que, com a fome que estavam, lhes pareceu a refeição mais deliciosa de suas vidas.

Enquanto comiam, o dia findou e o escuro da noite entrou pelas janelas. O dono do albergue acendeu os lampiões. Terminada a refeição, tanto os hóspedes como os escravos sentaram-se ao redor da luz e puseram-se a contar acontecimentos de suas vidas.

Os casos se sucederam. Quando vó Francisca tomou a palavra, monopolizou as atenções. Não falou sobre a própria vida, mas sobre a invencioneira dos ingleses. Falava com tanta graça que todos se puseram muito atentos.

Explicou que desde que mundo era mundo, os homens vinham tentando arranjar maneiras de facilitar os trabalhos mais pesados. Usar mais a mente para poder trabalhar menos com o corpo, e conseguir horas livres para se divertir.

Já se aproveitava a força dos animais para arar a terra e ajudar nas colheitas. Já se sabia como aproveitar a força da água para mover a roda d'água. Ainda não se conheciam os misteriosos fluidos que captavam a eletricidade. E os ingleses haviam descoberto a força do vapor da água fervente e o usavam para fazer funcionar todo o tipo de máquinas.

A mais surpreendente era a locomotiva: uma máquina que caminhava com a força do vapor! Embora ela exalasse uma respiração de fagulhas e fumaça, a força do vapor era invisível para quem não entendia seu funcionamento! O que alvoroçava as mentes, sugerindo que os ingleses

andavam pelo mundo afora executando tarefas que antes eram atribuições da Divina Providência.

Fazendo com os braços movimentos que imitavam o eixo entre as rodas e produzindo com a boca o barulho da locomotiva, vó Francisca tentava fazê-los compreender como era seu funcionamento. Embora os ouvintes continuassem sem fazer idéia do que fosse o tal engenho, aplaudiram o desempenho de vó Francisca.

O que animou-a a prosseguir, explicando que no mundo inteiro bebia-se o café produzido pelo Brasil! As tropas recolhiam as sacas de café nas fazendas do sertão paulista e levavam para Santos a fim de que fossem embarcadas nos navios. No porto, carregavam as mulas com tudo o que se trazia nos navios, tecidos, chapéus, iguarias, lampiões, vidros, tijolos e até sal, retornando pelo mesmo caminho e negociando pelo sertão afora.

Quando o trem começasse a funcionar, seria ele a fazer esse serviço. Já não teriam que depender do esforço das mulas e cavalos para subir e descer a serra, muitas vezes despencando pelos precipícios!

Vó Francisca falou tanto que quando terminou, já era hora de dormir. Apesar de todas as explicações, cada uma das pessoas que pernoitava no albergue do Alto da Serra, foi para seu quarto com a certeza de que sonharia com a tal máquina prodigiosa que caminhava por força do milagre!

12. A descida

Na manhã seguinte, Vó Francisca teve de chamar Camila várias vezes até que ela conseguisse acordar. O quarto ainda estava escuro e ela mal podia reconhecer o local. Mas a avó já estava pronta e agitada, apressando-a. O primeiro clarão do dia determinava a hora de começar a viagem! Não podiam perder a companhia da tropa!

Na sala do albergue, serviam chá e bolo de milho. Camila saboreou o bolo. Mas a avó repetiu tantas vezes que não podiam perder tempo que Camila acabou saindo sem chance de comer mais daquele bolo tão diferente e gostoso. O pior de tudo foi ter de usar o banheiro desconfortável, uma casinha de tábuas, construída no fundo do quintal e com um cheiro medonho. Ao sair sentiu-se estonteada e teve de ficar alguns minutos respirando muito lenta e profundamente até voltar ao normal.

No pátio, a movimentação era grande. Havia diversos homens preparando os animais. Era preciso recolocar toda a carga que havia sido retirada na noite anterior. Eram sacas e mais sacas! Camila mal teve tempo de olhar tudo aquilo e os dois escravos já estavam com seus cavalos prontos e com os braços estendidos para ajudá-las a montar. Ela e vó Francisca montaram. A um sinal de um dos tropeiros, todos montaram, chicotearam os animais e partiram.

Ao chegarem aonde começava a descida, os cavaleiros seguraram os arreios e os cavalos deram uma paradinha. Camila já havia ido tantas vezes a Santos, mas jamais olhara com atenção para fora do carro. Sobre o lombo de um cavalo era atordoante observar a paisagem.

Naquela hora em que o sol começava a nascer, subia uma bruma do fundo dos vales. Uma brisa leve agitava-lhe os cabelos. Camila respirou fundo e sentiu que a mata tinha um cheiro que inebriava os sentidos.

No meio daquela mata que não tinha fim, esgueirando-se pelos precipícios e perdendo-se nas brumas, via-se um caminho muito frágil, onde se assentavam os trilhos. Vistos de longe, os trabalhadores pareciam uma carreira de formigas se remexendo nas bordas do precipício. Nas montanhas, havia cortes que mostravam a cor vermelha da terra, onde ia se formando a base da estrada de ferro.

Depois de olhar fascinada para todos os lados, Camila observou o abismo diante dos cavalos. Era apavorante deparar-se com tal precipício. Não se tratava de mais um obstáculo que se vencia na tela da televisão, simplesmente com perícia no manejo dos controles dos videogames. Sua vontade era desistir, mas a avó olhou-a com um sorriso maroto que informava estarem num caminho sem volta.

Os animais começaram a descida. Camila pensou em fechar os olhos e deixar as coisas acontecerem, mas não pôde. Era preciso conduzir os cavalos, segurar as rédeas e direcioná-los. E eles iam se segurando como podiam, usando como freio as patas dianteiras que derrapavam a cada passo.

O medo de Camila era indescritível. Mesmo se agarrando nos arreios e na sela, tudo se

movia, não havia a mínima estabilidade. Mais uma vez pensou nos videogames que seus irmãos tanto gostavam e que faziam com que se enfrentasse obstáculos mais perigosos do que os que estavam à sua frente. Mas eram jogos, com tudo acontecendo de forma virtual na tela da televisão.

Como se tivesse ouvido seus pensamentos, a avó se aproximou e falou:

- Para esse trajeto não há regras que determinem se a máquina ganhará o jogo ou nós ganharemos. Aqui a gente aposta a vida!

Camila mal teve tempo de pensar naquilo e a avó apontou uma ossada de cavalo pouco abaixo de onde estavam. Os ossos brancos brilhando ao sol da manhã deixaram-na mais apavorada. E como se esse pavor pudesse aumentar, ela percebeu que logo abaixo havia outras ossadas que já iam desaparecendo no meio do mato que crescia. Com certeza haviam despencado exatamente de onde estavam!

Aquilo sim, era ver a morte de perto! Camila suava frio. E não era como nos videogames que bastava abrandar o tipo de desafio usando uma fase para principiantes, ou empenhar-se nos treinos. Nos videogames, perder significava alguns momentos de mal humor. Ali, como dissera a avó, apostava-se a vida!

Camila olhou o céu e pediu a Deus que os protegesse. Pensou que quem sentava num carro e chegava a Santos pela rodovia dos Imigrantes ou pela Anchieta não fazia a menor idéia de como funcionavam aquelas viagens no tempo em que a locomotiva estava chegando a São Paulo. Era uma aventura apavorante! Era um videogame sem regras, cheio de obstáculos inesperados!

E não demorou muito para perceber que ainda não havia vivido todas as emoções. Mal se recuperara do susto com as ossadas e ouviu o tropel de muitos cavalos.

Na curva da montanha depararam-se com uma tropa que vinha em sentido contrário, e que não fez nenhum esforço para parar. Os animais se cruzaram à beira do precipício. Camila fechou os olhos e esperou pelo desastre.

Ao abri-los, surpreendeu-se que continuassem todos vivos. Respirou fundo e viu que até os tropeiros, acostumados às cavalgadas, haviam se agarrado aos arreios. Talvez eles também se sentissem apavorados. Mas ninguém comentou, entreolharam-se e seguiram.

A avó cavalgava a seu lado e tentava distrai-la mostrando os trabalhadores construindo aquele prodígio de estrada. Camila, no entanto, não tinha ânimo de pensar em outra coisa que não fosse a própria sorte naquela aventura maluca. Apertava os dentes e rezava, pedindo que Deus a ajudasse a chegar sã e salva ao fim da viagem.

13. Final da descida

Mais uma curva e o chão ficou plano. Camila quase não acreditou ao ver que as montanhas finalmente acabavam. Até os escravos, acostumados àquelas cavalgadas, foram aos poucos recuperando o sorriso.

Pararam numa bica para que os cavalos bebessem água e descansassem. Logo formou-se uma intensa movimentação. Os homens da tropa desmontavam, bebiam água, lavavam o rosto, as mãos e os braços. Abaixavam-se e deixavam a água cair sobre suas cabeças. Camila não tinha forças para desmontar, foi preciso que os escravos a tirassem de cima do cavalo. No chão, sentia o corpo tão moído que era como se flutuasse. As pernas mal obedeciam ao comando de andar.

Bebeu muita água, lavou o rosto várias vezes na água fria e sentou-se numa pedra ao lado da bica. Só então começou a retomar os sentidos. Uma brisa gostosa passava pelas árvores e havia uma infinidade de ruídos de animais.

Enquanto esperavam que os cavalos bebessem água e comessem um pouco do mato ao redor da bica, ela podia ficar sentada com a cabeça enfiada entre os braços que se apoiavam nos joelhos.

- Ficando conosco, você vai cavalgar muitas vezes e se acostumará!, - Camila ouviu a avó falar e levantou a cabeça.

A avó tinha os olhos brilhantes de ânimo, e ela sentiu que sua energia a contaminava. Levantou um pouco mais a cabeça e deparou-se com a imponência da Serra do Mar, bem à sua frente.

- Ah!, vó, - queixou-se balançando a cabeça. - Não sei se vou conseguir fazer a viagem de volta!

Sentia um cansaço tão grande que sequer podia pensar em refazer aquela maluquice.

- Claro que vai! Não há outro caminho ou meio de transporte para retornar a São Paulo! - Vó Francisca não a poupou da realidade. - Lave outra vez o rosto e beba mais água, pois ainda temos um bom trecho até Santos.

Camila fez o que a avó falou e montaram novamente. Ou seja, os escravos tiveram de pegá-la no colo e colocá-la sobre o cavalo. Ainda bem que o trecho que faltava era todo no plano. Cavalgaram em silêncio, ansiosos para chegar. E nenhum deles poderia imaginar a estrondosa surpresa que os aguardava nas proximidades de Santos.

14. A estrondosa surpresa

Os cavalos estavam num trotar lento quando começaram a ver as primeiras casas. Havia mulheres lavando roupa na beira do rio. Uma delas largou a peça que esfregava e, agitando os braços molhados sobre a cabeça, se pôs a correr. As outras a seguiram.

Aos poucos foi se juntando a uma multidão pasma que caminhava na mesma direção. Há um bom tempo, cada uma daquelas pessoas havia observado os trabalhadores colocando sapatas de ferro que mais pareciam painéis, duas a duas, presas pelo dormente. A seguir, viram os trilhos estenderem-se sobre os dormentes. Só que ninguém fazia idéia do que seria a próxima etapa.

Sob o sol radiante, quando um animal de outro mundo surgiu sobre aqueles trilhos como uma cozinha resfolegante e soltando baforadas de dragão, os habitantes da cidade sentiram-se tomados por um espanto desconhecido.

Uns avisavam os outros e os habitantes da cidade juntavam-se ao redor daquele acontecimento. E para desnordeá-los ainda mais, quando a velocidade da máquina diminuiu, um apito alarmante ressoou numa baforada de vapor.

Para quem desde que nasceu já andava de automóvel e avião, uma antiga locomotiva era quase um brinquedo, mas para as pessoas da época era um engenho assombroso! Tinham a certeza de que andava sobre os trilhos por obra de um verdadeiro milagre! Para Camila era mais espantoso o susto das pessoas do que o estardalhaço da locomotiva.

Quando se recuperaram, diante do que lhes parecia uma estátua divina, as pessoas puderam ver o maquinista e o foguista muito humanos e vivos, acenando de dentro da locomotiva.

Deixando-se envolver no clima de festa, sem saber ao certo se sonhavam ou se estavam realmente vendo o que viam, as pessoas conheceram o que era a tão falada locomotiva. E ela se apresentava toda enfeitada de flores, com sua respiração de vapores resfolegantes e fagulhas.

Quando a máquina parou de funcionar e as baforadas de vapor diminuíram, os mais corajosos, que conseguiam controlar o medo, entraram e tocaram seu metal. Observando-os, Camila percebeu que, para toda aquela gente, estar num foguete indo para a lua não seria tão emocionante!

- A locomotiva já está em Santos. Logo estará no Alto da Serra, e de lá até São Paulo será um "pulo"! - Vó Francisca comentou.

Camila olhou as montanhas da Serra do Mar e, depois da experiência de descê-las a cavalo, sentiu um cansaço atordoante só de pensar numa ferrovia que subisse tudo aquilo.

De qualquer forma, sabia que os engenheiros ingleses comandariam um bando de empregados de todas as raças e levariam a locomotiva e os vagões até São Paulo. Para chegar lá, teriam de ter uma indescritível perseverança. Era maravilhoso que algumas pessoas tivessem sonhos que a princípio poderiam parecer malucos, mas que acabam sendo postos em prática. Afinal o progresso tecnológico ocorria devido a estes sonhos malucos postos em prática! Antes de chegar a

Santos, a locomotiva havia sido inventada pelos ingleses, assustara umas tantas pessoas na Europa e fizera o transporte de cargas e pessoas em outras regiões da Terra.

Pensando nisto, Camila se deu conta de que era mesmo um prodígio a construção daquelas estradas, sobre pontes e beiradas de precipícios, que tornavam a vida tão confortável! E era preciso muito amor à arte e muita dedicação ao trabalho para que se construísse uma estrada. Não era qualquer um a ter fibra para dedicar a vida a tais engenhos!

Apesar do deslumbramento que a locomotiva causou, passado um pouco de tempo, poucas pessoas davam o real valor à quem inventava e construía tais prodígios!

15. O primo

Passada a comoção de ver a locomotiva, vó Francisca lembrou-se que estavam ali para encontrar o primo Joaquim e acompanhá-lo até São Paulo. Camila sugeriu que parassem num orelhão e telefonassem para o hotel. Mais uma vez vó Francisca caiu na gargalhada.

- Ainda não inventaram o telefone!, - informou. – Ou talvez ele não tenha chegado até nossas terras!

Camila suspirou desapontada. Nos filmes de ficção científica, as pessoas sempre iam para planetas onde tudo era mais moderno. Ela, sem ainda ter entendido como, fora parar numa época muito atrasada! Mas estava tão cansada que era melhor deixar para pensar nisso mais tarde e se preocupar em chegar a um local onde tivesse uma cama para esticar o corpo.

Cavalgaram até o centro de Santos e encontraram o hotel. O primo também havia ido ver a locomotiva e o encontraram logo na porta. O corpo Camila estava moído, mesmo assim, ficou encantada de ver Joaquim do jeitinho que o conhecia das fotos da avó.

Só que nas fotos ele parecia muito mais velho, por isso não conseguira associar o nome à pessoa. Ali, embora se vestisse como um respeitável senhor, usando cartola, terno e sobrecasaca, era um belo rapaz de 18 anos. Tinha um sorriso nos lábios que iluminava seus olhos verdes como duas poças d'água.

Ele não só era bonito como fazia coisas inesperadas. Tirou o chapéu e fez um gesto de mosqueteiro para cumprimentá-la, beijando-lhe a mão. Camila ficou tão enlevada que se esqueceu da canseira e sorriu-lhe com todo o gosto de tê-lo encontrado.

- Quem é você?, - Joaquim pôs seus calmos olhos verdes em Camila.

- Ah! . . . - Ela gaguejou. "Quem sou eu?," pensou atônita. Ela mesma não sabia. Por uns segundos ficou atordoada. Mais preocupada em dizer a ela mesma do que ao primo, quem seria ela naquele planeta desconhecido e naquela história maluca? E foi vó Francisca quem a tirou do enrosco:

- Ela é Camila, sua prima!, - informou com naturalidade.

- De que tia ela é filha? - A curiosidade de Joaquim parecia não ter fim.

- De uma tia que vive muito longe daqui, - vó Francisca piscou para Camila. - Ela também está de visita como você. Mas não se preocupe com pequenos detalhes. Vocês vão se dar muito bem!

Acomodaram-se em poltronas de palhinha no saguão do hotel e o primo pôs-se a contar a viagem marítima. Foram alguns dias em que ele estivera bastante mareado até que o navio atracasse em Santos. Mas já havia se recuperado e estava ansioso para chegar a São Paulo e começar seus estudos. Iria ser bacharel em direito para melhor gerir os negócios da família!

Embora Camila estivesse atenta à conversa, estava fascinada por aquele primo tão

charmoso e diferente dos colegas que tinha na escola. A linguagem que usava era cerimoniosa, a maneira de sentar-se não era se esparramando pela cadeira, e especialmente a atenção que demonstrava pelas palavras de vó Francisca faziam dele uma pessoa muito especial. Primo Joaquim estava cativando seu coração.

16. O pássaro da boa-sorte

No quarto do hotel onde passariam a noite, Camila ajudou a avó a ajeitar as coisas, mas seu pensamento estava no primo. Aquele rapaz tão diferente, com gestos que só se viam em filmes antigos, alvoroçava-lhe um ponto desconhecido da alma. Havia alguma coisa no seu olhar, no som de sua voz, que a cativara. Mesmo tendo ajudado a avó a *escanear* suas fotos para o computador, vê-lo assim em carne e osso, causava-lhe uma emoção desconhecida.

Ela e a avó lavaram as mãos e o rosto, despejando água de uma jarra na bacia de louça. Ajeitaram os cabelos, desempoeiraram as roupas e retornaram à sala.

Joaquim as esperava, e mais uma vez recebeu-as com uma reverência. Ele queria que vissem os tantos baús que trouxera de sua casa na corte do Rio de Janeiro e que levaria para São Paulo. Convidou-as para irem até seu quarto.

Camila assustou-se não só com a quantidade, mas especialmente com a falta de praticidade que havia naqueles baús tão duros e desajeitados. Pensou nas mochilas que usava e que eram tão fáceis de carregar, mas já estava se acostumando a não mencionar o que havia na época em que vivia de verdade.

- Não conheço São Paulo. Mas minha mãe, que esteve na cidade algumas vezes, disse que é muito diferente do Rio de Janeiro e que vou precisar de todas as coisas que ela empacotou. - Joaquim apontou os baús.

- Para quem viveu toda a vida no Rio de Janeiro, que é onde vive o rei e sua corte, você vai estranhar a pasmeira da cidade de São Paulo. - Vó Francisca falou. - Mas com tantos estudantes vindo de tantas partes do país, os hábitos da população estão se transformando. Vamos ter até uma ferrovia! Sem falar do café que está sendo plantado por todo o interior.

Enquanto vó Francisca falava, Joaquim retirou uma caixa de dentro de um dos baús.

- A prima vai abrir o pacote! - Ele entregou-o a Camila. - Quero que vejam uma coisa muito especial!

Com muito carinho, Camila pegou um pacote envolto em papel de seda, desembulhou-o e encontrou a estatueta de um pássaro. Era tão perfeita que se não sentisse nas mãos o frio do material de que era feito, diria que era um pássaro de verdade.

- Primo!, que estatueta linda! - Camila murmurou encantada, especialmente com os olhos de vidro que brilhavam como os de um ser vivo.

Ela sentou-se na cama ao lado do primo e os dois ficaram pasmados diante da perfeição do pássaro. Vó Francisca aproximou-se, tomou a estatueta nas mãos e depois de observá-la com atenção, falou muito séria:

- Quando eu era pequena vi esta estatueta, e ela desapareceu lá de casa!

- O que a senhora falou?, - Joaquim olhou-a assustado.

Então foi vó Francisca a se assustar com as próprias palavras e tentar corrigir.

- Acho que já conhecia a estatueta da sua casa no Rio de Janeiro. Do tempo em que sua avó era viva! - Ela olhou para Camila. Desta vez era ela a se atrapalhar com os fatos que aconteciam naquela hora e os que aconteceriam muito depois. Ou talvez tivessem ocorrido antes.

- Desde que é minha, jamais me separei dela! - O primo falou. - Foi minha avó Tereza quem me deu, pouco antes de morrer, e tem me trazido muita sorte. Se algum dia a perder, morrerei de tristeza.

- Você não vai perdê-la!, - vó Francisca abanou a mão, como era seu jeito de dizer que o assunto estava encerrado.

Ele colocou o pássaro na mesinha de cabeceira, ao lado da cama. Camila, que começava a gostar muito daquele primo, sentiu-se preocupada com a possibilidade dele ficar sem o objeto de que tanto gostava.

- Meninos!, estou com muita fome! - Vó Francisca falou interrompendo os pensamentos de Camila.

Joaquim tirou um tiquetaqueante relógio do bolso do colete, olhou as horas e confirmou ser a hora do jantar. Camila arregalou os olhos, mas sequer pediu para ver de perto o relógio. Fez de conta que era muito normal que as pessoas vissem as horas em relógios grandes e redondos, guardados no bolso do colete.

Os três foram para a sala. Esperaram até o jantar ser servido falando sobre o primo e sua vida agitada da corte do Rio de Janeiro. Camila não podia falar sobre si.

Apesar do seu interesse pelo primo, a canseira da cavalgada abatia-se sobre ela. E depois de um gostoso jantar, era quase impossível vencer o sono. O pessoal foi se juntando ao redor do lampião para uma conversa animada. Ela e a avó foram para o quarto.

Só então ela sentiu a delícia de esticar o corpo numa cama forrada com lençóis cheirando a sândalo e dormir como uma pedra. Mas antes de pegar no sono, ainda ouviu o comentário da avó:

- Que coisa engraçada. Sei que aquela estatueta sumiu, mas não me lembro quando nem como. Não a *escaniamos* para o computador. Como será que ela veio parar na nossa história?

- Com certeza logo vamos saber. - Camila conseguiu falar antes de adormecer, ou seja, desmaiar de canseira. Nem o pensamento de que se isso acontecesse o primo morreria de tristeza conseguiu mantê-la acordada.

17. A Raiz da Serra

Na manhã seguinte, o sol mal havia nascido e os escravos já estavam com os cavalos prontos para a subida da serra. Camila havia dormido tão profundamente que despertara atordoada, com os ossos moídos. Não podia acreditar que teriam de percorrer o mesmo trajeto que tanto a apavorara. Como a avó dissera, não havia outro jeito de se chegar a São Paulo!

Desta vez não só cavalgariam junto com a tropa como haviam alugado um cavalo para Joaquim, e dois outros onde amarraram seus baús.

Começaram pelo trecho plano e Camila tentou não pensar nas montanhas da serra. Era melhor esperar até ter de enfrentá-la de verdade. Joaquim ia ao seu lado e quanto mais próximo ficavam, mais ela admirava aquele primo que havia visto em algumas fotos e que lhe parecia tão bonito, tão distinto. Era completamente diferente dos seus colegas de escola e das pessoas do seu tempo.

Quando soube que seguiriam os trilhos, Joaquim ficou encantado com a possibilidade de ver até onde havia chegado a locomotiva. Encontraram-na no acampamento da Raiz da Serra, moradia dos trabalhadores que construíam a ferrovia.

Toda a tropa parou. Também ali havia a possibilidade de bons negócios. Os trabalhadores que não estavam na obra, se aproximaram para saber das novidades e ver o que poderiam comprar.

Joaquim estava muito interessado na ferrovia e, enquanto a tropa fazia seus negócios, se pôs a conversar com um dos técnicos ingleses. Com a mesma paciência com que o inglês lhe explicava, tentou entender o incrível funcionamento daquela máquina que não só se movia por força do vapor, como carregava os vagões engatados.

Falando um português enrolado num forte sotaque, o inglês explicou que chegar até ali fora fácil. Chegar a São Paulo seria a prova de fogo! A locomotiva não levaria os vagões pela serra, não tinha força suficiente para puxar tanto peso numa inclinação tão grande. Ela patinaria nos trilhos sem sair do lugar. Subir montanhas exigia talento! Iriam usar a tecnologia que usavam nas minas de carvão da Inglaterra.

Estavam construindo quatro máquinas incrustadas no chão, a dois quilômetros uma da outra. Gigantescas rodas iriam consumir toneladas de carvão para puxar cabos que seriam engatados no vagões e os conduziram serra acima. Ao se aproximar das máquinas fixas, os vagões se limitariam a se desengatar de um cabo e engatar-se no da próxima roda que ficava dois quilômetros mais acima. E assim seguiriam até atingir a quarta máquina que ficava no Alto da Serra. Então os vagões se engatariam na locomotiva que os esperava, e não só chegariam a São Paulo como iriam pelo sertão levando os artigos produzidos na Europa e recolhendo o café.

Joaquim ouviu toda a explicação, levantou os olhos pelas montanhas até os picos da serra, tirou o chapéu e coçou a cabeça:

- Parece um sonho maluco que os vagões consigam chegar lá no alto, - comentou.

- Vão conseguir! - Camila falou com tanta convicção que Joaquim olhou-a surpreso.

- Prima, como é que você pode ter tanta certeza?

Camila sabia que homens inteligentes e dedicados ao trabalho não só chegariam com a locomotiva a São Paulo, como construiriam foguetes que levariam o homem à lua. Mas não poderia dizer essas coisas ao primo. Ele ficaria atônito ao saber que ela vivia mais de um século à frente.

- É só observar a locomotiva. Se chegou até aqui, não vai ser tão difícil chegar lá no alto. - Camila tentou falar com naturalidade.

Uma sombra de desconfiança perpassou os olhos do primo, mas vó Francisca chegava esbaforida informando que a tropa estava de partida.

- Os homens da tropa já terminaram seus negócios! É preciso seguir com eles!, - ela anunciou.

Joaquim ainda olhou mais uma vez aquela montanha tão alta que estava bem na frente deles e balançou a cabeça um pouco incrédulo.

- Logo, logo, a gente chega lá! - O inglês sorriu-lhe com os olhos muito azuis e Joaquim sentiu um pouco mais de confiança no projeto.

18. A subida

A cavalgada começou e ganhou velocidade. Camila levantou os olhos até o pico da serra e suspirou desanimada. Joaquim vinha ao seu lado e também ele sentiu-se impotente diante daquela montanha gigantesca. E não havia como não enfrentá-la. Os cavaleiros da tropa que iam na frente chicoteram seus cavalos e os demais imitaram o gesto.

Camila logo viu que a subida não era tão horripilante quanto a descida. Ter de olhar para baixo, com os cavalos derrapando e o precipício logo à frente foi muito pior do que olhar para cima e ver a montanha e o céu.

Joaquim não havia descido e não sabia como poderia ser pior. Num trecho menos perigoso, com seu sorriso cativante, ele aproximou-se de Camila e mostrou-lhe que o pássaro da boa-sorte estava bem seguro, dentro do seu colete.

- Fique um pouco com ele, vai ver como lhe dará maior segurança. - Ele passou-lhe a estatueta e ela segurou-a junto ao peito por alguns minutos.

Camila não poderia dizer se fora por segurar o pássaro, ou pela força das palavras do primo, de qualquer forma, sentiu-se muito mais tranqüila.

Em vários trechos, puderam observar homens labutando na estrada. Viram como os ingleses haviam vencido, um a um, os obstáculos da montanha. Já quase no Alto da Serra, os cavalos deram uma parada a fim de que pudessem observar uma ponte que parecia surgir do fundo de um abismo. Não se via a sua base que afundava no meio da mata. Via-se toda uma estrutura, como se fosse de palitos de fósforo, subindo até formar uma ponte entre duas montanhas. E por cima dela, assentavam-se os trilhos.

Um dos tropeiros lhes falou que ali era a Grota Funda e que fora o abismo mais complicado de ser vencido. Mas, como podiam ver, já estava com os trilhos esticados sobre a ponte. Camila sentiu um arrepio só de pensar em atravessar aquela ponte de palitos de fósforo dentro de um vagão de trem.

No albergue do Alto da Serra pararam. Os cavalos puderam descansar e eles se acomodaram para passar a noite. Depois da sopa, juntaram-se ao redor do lampião e os presentes foram contando suas histórias. Foi então que Joaquim falou sobre seu pássaro da boa-sorte. Tereza, sua avó mais querida, quando moça, havia estado na Europa. De lá trouxera aquela estatueta de pássaro feita na Alemanha, num local chamado Floresta Negra.

Ela lhe falara tanto sobre aquele local entre os rios Reno e Danúbio que se um dia ficasse rico e pudesse ir para a Europa, ele queria ir até lá. Naquela região havia uma infinidade de relojoeiros que também faziam brinquedos de corda.

O pássaro não era mecânico, mas o artesão que o fizera, garantiu que havia absorvido

os bons fluídos das pradarias da Floresta Negra e traria boa sorte a quem o possuísse. A avó mantivera a estatueta ao lado da cama até morrer. Todas as vezes em que esteve em apuros, segurou-a entre as mãos e ela lhe trouxera soluções acertadas para seus problemas.

Ao sentir que a morte estava próxima, Tereza chamou o neto Joaquim e lhe entregou o pássaro pedindo que jamais se separasse dele. Era um talismã que o ajudaria em sua vida. E não pensasse que boa sorte era fortuna em dinheiro, mas ter uma vida rica de experiências e entre pessoas que gostassem dele de verdade.

As pessoas que pernoitavam no albergue se impressionaram com a beleza e a perfeição da ave. Cada um quis pegá-la e acariciá-la a fim de absorver um pouco da sua sorte.

Quando foram se deitar, Camila ficou pensando que a avó do primo fizera a ele o mesmo que vó Francisca lhe fizera. Ao perceber que iria morrer, chamara-a e lhe recomendara usar o computador com seus óculos e luvas. A avó de Joaquim lhe dera o pássaro. Será que teria alguma coisa interessante para dar à neta quando morresse?, foi a pergunta que Camila se fez. E logo a seguir perguntou-se se teria uma neta!

Eram coisas muito difíceis de se saber. Mais próximo estava um sério problema, pois se recordava que vó Francisca lhe dissera que a estatueta do primo iria desaparecer.

- Vó, me diga como a estatueta do primo desapareceu? - Camila perguntou já deitada em sua cama ao lado da avó.

- Sabe que eu estava pensando nisso agora! Por incrível que pareça não me lembro. Mas ainda vai levar algum tempo. Não se preocupe.

A avó fechou os olhos. Camila pensou se teria chance de mudar aquela história e fazer com que o primo não ficasse sem o objeto de que tanto gostava.

19. A chácara

Era a primeira vez que o primo vinha a São Paulo, e quando chegaram às colinas de onde se podia observar toda a cidade, sentiu-se desapontado.

- Como foram instalar uma escola tão importante numa cidade tão pequena!, - desabafou.

- É que você não sabe como ela vai ser grande! - Camila falou.

Vó Francisca pôs sobre a neta uns olhos cheios de repreensão, mas o primo achou que brincava.

- Espero que se transforme numa cidade de verdade antes que eu termine o curso! Afinal vou viver nela até ser bacharel em direito.

- Vamos, vamos! - Vó Francisca apressou-os. - A tropa já está seguindo e em casa estão todos esperando pelo primo!

Puseram os cavalos a galope. Camila estava com vontade de conhecer seus parentes. Afinal também ela iria estar com eles pela primeira vez.

Os escravos abriram a porteira da chácara e logo depois de atravessarem o pomar, chegaram à casa. Na varanda foram recebidos e abraçados por Elisa, mãe de vú Francisca, e Carolina, sua avó.

As duas os esperavam com suas melhores roupas e uma alegria que vinha da alma. Camila não conteve as lágrimas sendo abraçada tão naturalmente por antepassadas que só conhecia através de fotos e palavras de vú Francisca. Ela mesma se assustava que tudo aquilo lhe parecesse tão normal.

Os escravos desamarraram os baús de Joaquim e levaram para o quarto. Pagaram aos tropeiros, deram-lhes água e comida e eles se foram.

Elisa e Carolina conduziram os recém-chegados para a sala, onde os esperava uma festa. Estavam sendo aguardados pelos moradores da chácara, alguns vizinhos e o padre, além de uma mesa cheia de quitutes especiais.

A cozinheira, nhá Rita, havia se esmerado. Havia todo o tipo de doces e quitutes. Algumas coisas Camila conhecia, outras não. Foi provando de tudo e achando muito bom. Além das iguarias da cozinheira, cada uma das avós havia preparado sua especialidade e sentiam-se felizes de ver os convidados provando e gostando.

Joaquim sentiu-se tão emocionado que fez um discurso, agradecendo pela acolhida naquela casa que seria seu lar pelos próximos anos. Camila logo percebeu que naquele tempo tudo era motivo para discurso. O padre, que participava da festa, respondeu com outro discurso, onde agradecia a Deus a chegada daquele parente querido, depois de travessias tão perigosas, como a

viagem por mar do Rio a São Paulo e a subida da serra.

No meio de tanto provar quitutes diferentes, Camila encontrou umas bolinhas pretinhas e pegou uma. Elisa mostrou-lhe uma índia que era empregada da casa, dizendo que era ela a fazer as bolinhas.

Camila jamais vira uma índia de verdade e ficou abismada com sua expressão indiferente e ao mesmo tempo carinhosa. E já ia colocando a bolinha na boca quando ela apontou-a e falou que eram formigas torradas.

O estômago de Camila deu uma reviravolta estranha, no entanto, ela não queria desapontar a índia. As outras pessoas comiam com tanto gosto que enfiou uma formiga torrada na boca. Antes de tentar mordê-la, sua boca se encheu de água. Conseguiu sentir que era salgadinha antes de engoli-la com uns goles de suco de jabuticaba.

Joaquim também provou uma formiga torrada e, ao ter oportunidade, segredou no ouvido da prima o provincianismo dos paulistas. Ao invés de serem os índios a se civilizarem, eram os paulistas a aprenderem a comer formiga!

Camila sorriu com aquela idéia. Mas nem deu para pensar muito nas formigas torradas porque a festa seguia animada.

A cidade tinha tão poucas atrações que a chegada de um moço vindo da corte para estudar na Academia de Direito causava uma verdadeira comoção. Era tanta gente a cumprimentar o primo que Camila não conseguia guardar todas as fisionomias.

Embora todos o cumprimentassem e quisessem falar com ele, a comoção maior era sentida por Camila diante de Joaquim. Era alguma coisa que jamais sentira antes. Nem nas histórias da avó, nem nos desafios de montá-las no computador, e muito menos nas tentativas de vencer os obstáculos dos videogames. Era alguma coisa que fazia seu sangue correr gostoso pelas veias, como se fosse um bando de formiguinhas.

Quando tudo se acomodou, antes de ir para o seu quarto, Camila foi até o quarto do primo desejar-lhe uma boa noite. Percebeu que já havia colocado o pássaro da boa-sorte ao lado da cama. Retornou ao seu quarto com a imagem tão viva dos olhos brilhantes do primo que recordou o que a avó dissera sobre a estatueta desaparecer. Custou a adormecer, imaginando o que poderia fazer para que as profecias da avó jamais ocorressem.

20. Os moradores

Na chácara de seus antepassados, durante a festa de recepção, Camila conheceu gente demais. Sua cabeça ficou confusa. Foi só no dia seguinte que teve oportunidade de estar com cada um dos moradores e conversar com calma.

Ao se levantar foi à cozinha que era um cômodo do lado de fora da casa. No imenso fogão de lenha crepitavam as brasas, e nhá Rita preparava os quitutes. Como se não fosse estranho vê-la ali, largou a colher de pau com que mexia uma panela e veio cumprimentá-la. Abraçou Camila e ofereceu-lhe uma cadeira. Serviu-a de chá e bolo de milho.

- Sinhazinha descansou? A viagem a Santos desanca com a gente! - Nhá Rita falou enquanto bamboleava pela cozinha com seu corpanzil vestido em roupas muito alvas.

Camila sentiu um carinho gostoso no sorriso de dentes muito brancos daquela negra. Comeu o bolo que estava delicioso e bebeu o chá.

Em seguida, entrou vó Carolina, avó da vó Francisca e veio abraçar Camila. Ela era igualzinha às fotos! Com os cabelos brancos presos num birrote, os olhos muito pretos atrás dos óculos e saias compridas e desengonçadas.

- Nossos homens estão no sertão, desbravando-o para plantar café, - informou. - No mundo todo, gostam de tomar café e os arbustos vão se aclimatando muito bem pelo sertão paulista.

Nhá Rita serviu-a de chá com bolo de milho.

- Aqui na chácara nós produzimos chá. - Carolina falou e voltou-se para a porta por onde acabava de entrar Elisa.

Farfalhando as saias, Elisa percorreu a cozinha antes de abraçar Camila e sentar-se para mais um chá. Com olhinhos muito vivos, ela irradiava energia. Foi logo confirmando que produziam chá e o comercializavam para manter a chácara.

O café necessitava de muito espaço e era preciso produzir em quantidade suficiente para exportar para todo o mundo! Era serviço para seu marido e seus filhos! Enquanto eles trabalhavam no sertão, era ela a comandar a pequena chácara. Naquela manhã, já havia dado todas as ordens aos escravos e empregados. Podia se dar ao luxo de mais um chá.

Elisa estava explicando a luta que era desmatar o sertão para plantar café quando Joaquim e vó Francisca entraram na cozinha. Joaquim abraçou cada uma das mulheres, inclusive nhá Rita. E ela alvoroçou-se para servir um sinhozinho que ia ser tão importante!

Para agradar, ele comentou que enquanto as mulheres da corte só pensavam nos trajes para as festas, suas avós paulistas comandavam a chácara. Era interessante ver mulheres tão absorvidas com o trabalho e o comando da chácara. A conversa seguiu animada enquanto nhá Rita servia bolo e chá. Por fim sentiu-se tão feliz que foi abrindo suas latas de sequilhos e suspiros

especiais e deixou que se banqueteassem.

Terminada a refeição, Elisa foi ver o serviço dos escravos e empregados. Vó Francisca acompanhou Camila e Joaquim a fim de que conhecessem a chácara.

Como a vida era diferente!

Naquele tempo não havia supermercado. Nas chácaras era preciso produzir de tudo: carne, ovos, frutas e verduras. Até a água era puxada a baldes do fundo do poço. De forma que era preciso escravos e empregados com muitos braços e pernas para trabalhar. E era preciso saber comandá-los para que a produção fosse boa.

Plantava-se milho para fazer pães e bolos, mas também para alimentar os cavalos. Criavam-se poucas vacas para produzir leite. As galinhas e porcos eram para as refeições diárias. Além das árvores frutíferas, havia uma bela horta, de onde todos os dias colhia-se verduras. Trabalho era o que não faltava!

Eles passearam por toda a chácara. Andaram pela plantação de chá, viram como as folhas secavam e eram tratadas. No fundo da chácara corria um riacho que tocava a roda d'água. Camila lembrou-se das lições de Vó Francisca sobre como o homem sempre se esforçou para encontrar meios de tornar o trabalho mais leve. A roda d'água era a força para moer o milho e a mandioca transformando-os em farinha.

De volta à casa, vó Francisca chamou-lhes a atenção para a grossura das paredes. Eram feitas de adobe, ou seja, de argila crua misturada com palha! A casa era muito espalhada e baixa, com telhado de grandes abas. Ao entrarem, Camila sentiu que o ar era mais calmo do que do lado de fora. Reparou que tudo era muito limpo, e os móveis, pesados e escuros muito bem conservados.

Ao se dirigir ao seu quarto, passou pelo corredor que lhe pareceu assombrado pelas imagens de santos com o olhar de gente. Havia ali dois oratórios com santos, velas acesas e flores frescas!

Os oratórios deviam ser muito importantes, pois além desses dois, havia um na sala com a imagem de Nossa Senhora e, ao passar por ele, as pessoas se benziam.

Depois do almoço, ela, o primo e vó Francisca, sentaram-se em baixo de um caramanchão coberto por uma parreira. Camila olhava à sua volta e pensava que era inacreditável estar ali, poder ouvir o cantar dos pássaros e o chiar das cigarras. Coisas que em seu mundo jamais prestava atenção!

Enquanto na chácara todos trabalhavam, eles ainda eram considerados visitas e ficaram conversando, vendo o dia passar, as sombras mudarem de posição. De tempos em tempos, nhá Rita mandava um molequinho levar-lhes sequilhos, biscoitos e refresco.

No fim da tarde chegou um escravo esbaforido sobre o cavalo, trazendo um convite. Embora estivesse endereçado ao novo estudante, era extensivo a toda a família. A Marquesa de Santos, a dama mais importante da cidade, faria um sarau para os estudantes que recomeçavam o ano escolar.

Joaquim ficou excitadíssimo. Não cabia em si de felicidade. Camila não fazia idéia do que fosse um sarau, mas não podia perguntar. Esperaria para ver.

Sempre atenta a tudo, vó Francisca informou que a Marquesa prestigiava os

estudantes, especialmente os poetas. Chegando até a acobertar-lhes as travessuras. Eram famosos os saraus em que os jovens tinham a oportunidade de declamar os versos que compunham.

Naquela noite, depois de tantas atribuições na viagem a Santos, Camila finalmente se deitou numa cama muito gostosa, forrada com lençóis limpíssimos pensando em passar uma noite tranqüila.

No entanto, tão logo pegou no sono, sonhou que fazia parte de uma missão especial que enveredava pelo espaço sideral com o propósito de destruir as forças do mal. Sabia que nos planetas, todo o cuidado era pouco para atingir os objetivos. E foi num deles que errou o passo e desabou por um abismo.

Despertou suando frio. Mal reconhecia o quarto em que estava e reconheceu o sonho. Era um dos videogames que jogava com os irmãos. Tudo começava no início dos tempos quando houve uma guerra entre o bem que era a luz e o mal, a escuridão. Como sempre o bem venceu e aprisionou o mal em outra dimensão com um laço de planetas e estrelas. No videogame, um dos laços escapava e era preciso mais uma vez fazer o bem vencer, lacrando o mal.

Treinara tantas vezes aqueles videogames para conseguir vencer os irmãos que eles acabavam ficando na sua mente. Reconhecido o sonho, ela se acalmou e voltou a dormir. Desta vez sem imagens apavorantes!

21. O sarau

No dia do sarau, a chácara esteve agitada. Mal as primeiras claridades do dia haviam despontado e Elisa já estava no pátio, com toda a sua energia, mandando escovar os cavalos e atrelar a charrete. Nhá Rita manteve por toda a manhã o fogão de lenha fervilhante, esquentando água a fim de que as mulheres da casa e primo Joaquim tomassem banho.

Camila jamais imaginou que de um banho pudessem fazer um ritual. No seu quarto foi colocada uma tina enorme, e as escravas encheram-na de água. Ela entrou e deixou-se relaxar na água morninha. A escrava providenciou-lhe a esponja com sabão e ela se lavou, lembrando-se de que a avó sempre recomendava esfregar muito bem atrás das orelhas e o pescoço.

Por todo o tempo, a escrava esteve à sua volta entregando-lhe a esponja e o sabão, colocando mais água quente na tina e pronta para qualquer necessidade. No final, ajudou-a a se enxugar e se vestir. As roupas eram complicadas e era necessário que alguém fosse amarrando laços e fechando colchetes.

Vestida, Camila olhou-se no espelho e se viu como uma das antepassadas das fotos. Enquanto as escravas carregavam a tina e a água para o quintal e arranjavam o caos que havia virado o quarto, ela foi para a sala.

Ao ver o primo de banho tomado e vestido em suas melhores roupas, ficou encantada. Aquela figura, que ela nem sabia se real ou inventada pelas histórias da avó, enchia-lhe a alma de alegria.

Mas, mal teve tempo de olhá-lo com gosto e nhá Rita já estava chamando para o almoço. Naquele dia, tudo era feito com pressa. Comeram uma comida leve o mais rápido que conseguiram, subiram na charrete e o escravo os conduziu.

Seguiram por uma rua terrosa e empoeirada até a beira de um rio. Ao atravessarem a ponte que levava ao centro da cidade, Joaquim falou com um sorriso um pouco irônico:

- Veja a distração dos paulistas! Jogar pedras nos sapos!

Todos sorriram observando umas poucas pessoas que atiravam pedrinhas tentando acertar os sapos. Por um momento, pareceu a Camila, a imagem de um videogame antigo, onde era preciso ter boa pontaria para acertar patos voando ou animais caminhando. Só que ali tudo era por demais de vagaroso. Os sapos entravam no rio com tamanha lentidão que não precisava grande perícia para acertá-los! E quem os acertava não tinha a intenção de matá-los. Se contentava em irritá-los um pouco.

Vó Francisca segredou a Camila que aquele era o rio Anhangabaú. Isso mesmo, onde

hoje existe uma avenida enorme e nem se imagina que ainda existe um rio passando por baixo!

Atravessaram a ponte e enveredaram pelas ruas da cidade. O calçamento de pedras desiguais fazia a charrete balançar muito, e eles preocuparam-se em segurar os chapéus.

Camila havia estudado sobre o Império, e sabia que a Marquesa de Santos havia sido a amante "preferida" do imperador D. Pedro I. Ao chegar à sua casa e deparar-se com ela recebendo-os pessoalmente, sentiu que irradiava um sorriso de simpatia que jamais vira em outra pessoa. O imperador tinha bom gosto!

Eles não eram os únicos convidados. Elisa, Carolina e vó Francisca cumprimentaram e apresentaram Joaquim e Camila às pessoas importantes da cidade. O mais importante de todos era o bispo. Vestido com todos os paramentos, ele impunha muito respeito. Os convidados tomavam-lhe a mão, beijavam-na e pediam sua benção.

Enquanto apresentações e cumprimentos iam se seguindo, serviu-se vinho e alguns quitutes. Camila gostava de provar de tudo. Aquela casa era muito requintada, e, com certeza, ali não se serviam formigas torradas, consideradas comida de índio. De qualquer forma, tomou muito cuidado para o caso de encontrar um prato cheio delas.

Havia música, e Camila procurou de onde vinha. Já sabia que não poderia perguntar onde estava o aparelho de som! Viu que um dos convidados estava ao piano, e tocava uma valsa. Os outros convidados o imitaram. Cada um exibia-se tocando o que sabia, até que começaram os discursos.

Joaquim, estudante recém-chegado, era o centro das atenções. Com muita desenvoltura, ele falou sobre sua vida na corte do Rio de Janeiro, a maravilha de se viver numa cidade cheia de cafés e teatros. Falou também no gosto que tivera de vir para São Paulo de onde sairia bacharel em direito.

Por fim, elogiou suas avós paulistas. Repetiu para a seleta audiência o que dissera na chácara. Enquanto nas cidades mais ricas, as mulheres viviam de aprender piano e passar tardes com os bastidores bordando o vestido para a próxima festa, em São Paulo tinham de fazer suas chácaras produzirem. Seus maridos seguiam para desbravar as terras do sertão e plantar café e elas assumiam o comando das chácaras.

Como todos os estudantes da época gostassem de escrever e declamar poesias, pediram que ele dissesse uma. O coração de Camila quase saiu pela boca ao ver o primo declamar. Os olhos dele ficaram de um verde muito claro e por vezes fixavam-se nela. Foi então que mais uma vez ela sentiu o sangue virando um bando de formiguinhas que passeavam fazendo cócegas por dentro das suas entranhas.

No final, Joaquim foi aplaudido e a Marquesa abraçou-o. Ser querido por ela significava ser muito bem aceito na sociedade.

Terminado o sarau, Camila já sabia o ele que significava. Era uma reunião de pessoas importantes que tocavam piano, faziam discursos, declamavam e tinham muitos argumentos para conversar sobre qualquer assunto. Ao se despedirem, não havia dúvidas de que a Marquesa havia se afeiçoado a Joaquim.

Por todo o caminho de volta, ele esteve muito animado. Sentia-se feliz caindo nas graças de uma dama tão importante. Elisa, Carolina e vó Francisca falaram sobre os trajes das

mulheres, e em especial sobre o da Marquesa. Ela jamais deixara de ser elegantíssima!

Apesar de todas as novidades, Camila chegou na chácara e antes de se deitar foi ao quarto do primo dar uma olhada se o pássaro da boa-sorte estava lá.

Era engraçado como se preocupava com o primo. Jamais sentira aquilo pelos irmãos ou colegas, nem mesmo pelos primos do seu mundo. Era uma coisa muito boa que nascia do fundo do seu coração e lhe dava vontade de estar sempre perto dele, ouvindo-o, olhando-o. Ele a havia cativado de verdade!

22. A Academia de Direito

Joaquim começou a freqüentar a escola. Todos os dias tinha muitas novidades sobre o que estava aprendendo e sobre os colegas e professores. Camila não entendia muito de leis, ainda mais daquele tempo, mas de tanto ele falar, ela quis conhecer a escola. Vó Francisca resolveu fazer-lhe a vontade.

As duas vestiram-se como as senhoras da época, cobriram a cabeça com mantilha e foram para a cidade. Andaram pelas ruas do centro e chegaram até a escola de cursos jurídicos, que naquele tempo chamava-se Academia de Direito.

Funcionava no convento dos franciscanos e não era comum mulheres circularem por suas classes. No entanto, o diretor da escola era muito amigo da família de vó Francisca e recebeu-as em sua sala. Cheio de mesuras, ele entabulou uma longa conversa com vó Francisca.

Camila estava tão encantada com o que havia sobre sua mesa que mal os escutava. As canetas eram de madeira com uma pena de metal. Para escrever, era necessário mergulhá-la no tinteiro. A cada frase, era preciso secar o que se havia escrito com um mata-borrão.

Ela ainda estava admirando tudo o que havia sobre a mesa, quando o diretor se despediu, desmanchando-se em mesuras e mandando muitas lembranças a toda a família.

As duas saíram e, enquanto esperavam que Joaquim terminasse as aulas, resolveram passear pelas ruas que formavam o centro da cidade. Eram três ruas que se uniam como um triângulo e onde se encontrava todo o tipo de lojas, desde as que vendiam carne aos pedaços até arreios para cavalos. Tudo misturado e de uma maneira que não lembrava em nada as lojas que Camila conhecia.

Nas ruas, mesmo com o movimento das lojas, havia galinhas ciscando, cachorros esperando pelos restos de carne, além de cabritos e cavalos. E no meio daquela miscelânea, existia uma loja de francesas. Era a única a vender roupas para mulheres elegantes. Vó Francisca entrou e cumprimentou as donas. Apresentou a neta e resolveu encomendar-lhe um traje com chapéu combinando.

Camila folheou muitas revistas francesas até se decidir pelo modelo e pelo tecido que combinassem com um chapéu de palha cheio de flores. Tiraram-lhe as medidas e marcaram o dia para a primeira prova. A conversa seguiu animada até que vó Francisca olhou o carrilhão na parede. Era a hora de terminarem as aulas, e haviam combinado retornar à Academia.

Encontraram Joaquim conversando com alguns colegas. Camila se sentia cada vez mais encantada com aqueles moços tão elegantes, que faziam tantas mesuras ao encontrá-la. Parecia mesmo coisa de filme.

Só estranhava ver todos eles vestindo roupas idênticas: terno, sobrecasaca, chapéu, óculos de aros. Ao ter chance, comentou o fato com vó Francisca.

A avó chamou-lhe a atenção para o fato de que na sua classe, meninos e meninas vestiam calças jeans e camisetas. Se Joaquim algum dia tivesse a chance de conhecer seus colegas, ficaria atônito com a quantidade de adolescentes idênticos vestidos em calças jeans e camisetas. Camila jamais havia pensado nisso!

O sol já começava a se pôr enquanto caminhavam de volta para a chácara. Pela primeira vez, Camila viu o acendedor de lâmpadas. Com uma imensa vara, o homem acendia um por um os vinte e quatro lâmpadas da cidade.

- Camila parece nunca ter visto um acendedor! - Joaquim comentou percebendo o deslumbramento dela diante de coisas tão corriqueiras.

- É que esta luz engendra sombras que parecem fantasmas! - Depois de gaguejar um pouco Camila respondeu.

Claro que jamais poderia lhe dizer que se espantava com aqueles lâmpadas que precisavam ser acendidos com fogo todos os dias. Nem poderia mencionar que seria muito mais fácil quando fossem luzes elétricas e que bastava um toque no interruptor para acendê-las!

Camila estava encantada com tudo o que ia conhecendo. Era um mundo tão diferente! O mesmo que estar em outro planeta. Mas a avó repetia que aquele mundo existira e que seus antepassados viveram nele. Talvez seu espírito já o conhecesse por isto aquelas cenas estavam não só na memória do computador, mas também na dela.

Por vezes, Camila se perguntava se tudo aquilo iria acabar e ela voltaria ao seu mundo. Tal pensamento fazia com que, antecipadamente, começasse a sentir saudade do primo.

Todos os dias depois do jantar, ia ao quarto dele e pegava o pássaro da boa-sorte. Dizia que era para também ela ter boa sorte, mas na realidade queria ter certeza de que nada havia ocorrido com a estatueta.

Vó Francisca percebia e a consolava.

- Ainda vai demorar muito para desaparecer. Não fique tão preocupada!

23. A iniciação

Depois de estar cursando há algum tempo a Academia, Joaquim avisou que não o esperassem para o jantar pois os colegas iriam fazer a sua iniciação. Ele não sabia bem o que era, mas todos os alunos novos tinham de passar por isso. Não podia deixar de ir.

As mulheres tomaram a sopa de todas as noites e foram para seus quartos. Camila também foi para o seu e se deitou, mas com os ouvidos atentos à chegada do primo. Estava curiosa para saber o que era uma iniciação de estudantes.

Depois de muitas horas, no silêncio do meio da noite, ela ouviu as patas do cavalo se aproximando. Acompanhou mentalmente cada gesto do primo. Ele levou o cavalo para a cocheira e, com muito cuidado para não fazer barulho, entrou na casa. Camila estava com vontade de vê-lo, mas não queria ir até a sala.

Para sua surpresa, ele bateu levemente na porta e entrou em seu quarto. Pôs o indicador na frente dos lábios para que ficasse em silêncio. Ela sentou-se na cama e ele se aproximou. Ela notou-lhe as roupas desalinhadas. O primo estava feliz, bêbado e excitado. Sorria-lhe com os olhos muito verdes.

Sentou-se aos pés da cama e contou que a iniciação fora no cemitério. Começara no pátio em frente à escola, onde beberam muito vinho e aguardente. Depois foram para o cemitério e lá sim, ele passou um grande medo.

Para frequentar a escola, o estudante tinha de ter a cabeça de uma caveira. Os companheiros o obrigaram a cavar um túmulo e retirar o esqueleto de um morto. Fora obrigado a enfrentar o cheiro de podridão que saía da cova e o pavor de estar no cemitério na escuridão da noite. Vencidos tais desafios, foram até um chafariz, onde lavou bem lavados os ossos e finalmente tinha a sua caveira como todos os estudantes daquela escola! Então continuaram a beber. Aliás ele teve de beber muito vinho para acalmar o medo que passara no cemitério.

Na Inglaterra, Byron fora retratado com sua caveira. Por ser ele um poeta excêntrico e famoso, espalhou-se pelo mundo a idéia de que todo o estudante que se prezasse tinha de escrever poemas românticos e possuir uma caveira. Joaquim jamais acreditara ser tão fácil conseguir a própria caveira. Mas em São Paulo, os estudantes eram capazes de tudo!

Ele contou à prima que as pessoas importantes eram enterradas nas igrejas ou nos conventos, os pobres e escravos iam para o cemitério. Os muros eram baixos e os portões pareciam de brinquedo. Qualquer um podia entrar a qualquer hora.

Como as pessoas nem pensassem em ir a um cemitério durante a noite, não precisava

de vigias. As almas dos mortos espantavam os vivos. Para os estudantes, numa cidade onde havia pouca diversão, fazer festas no cemitério era uma prova de coragem!

Joaquim estava excitadíssimo com a própria proeza. Camila acendeu uma vela para melhor enxergar os ossos da caveira. Mas o que notou foi a cara do primo tomando uma expressão de pânico. Pensou que fosse um resto de susto pelo que fizera no cemitério, mas ele deu um salto, se pôs em pé, abriu a casaca e apalpou o colete:

- O pássaro! - Ele falou apalpando todo o peito na tentativa de encontrá-lo.

24. O sumiço do pássaro

Camila aproximou a vela e percebeu que Joaquim estava muito pálido. A luz de seus olhos se apagava, seu sorriso havia desaparecido.

- Perdi o pássaro! - Sua voz era quase um grunhido.

- Você tem certeza de que o levou? Vá olhar no quarto. Quem sabe está ao lado da sua cama.

Os dois foram para o quarto de Joaquim, mas não encontraram. Ele tinha certeza de tê-lo levado. Camila sentiu-se frustradíssima. Sabia que isso ocorreria e não soube como evitá-lo.

- Eu não fazia idéia de como seria a iniciação, e levei-o para me trazer boa-sorte!, - ele tentava consolar-se.

Camila percebeu que o primo conseguia ficar mais pálido e parecia que ia desmaiar. Sugeriu então que retornassem ao cemitério e procurassem por lá. Com certeza, no afã de cavar o túmulo, ele deixara cair a estatueta .

- Prima, você vai sair no meio da noite?

- Não se preocupe!, - Camila falou indo para seu quarto.

Em poucos minutos trocou de roupa. Ao passar pelos santos com olhos que a assombravam, benzeu-se e pediu a Deus que os ajudasse.

Os dois foram à cocheira. Um dos escravos acordou e, assustado, veio ajudá-los.

- Sinhazinha vai sair a esta hora? Dona Carolina vai ficar furiosa! Dona Elisa vai pôr todos nós atrás de vocês!

- É preciso! - Camila falou enquanto ajudava a selarem os cavalos.

- Não diga nada enquanto não retornarmos! - Joaquim pediu.

Era difícil, no incrível silêncio da noite, sair com dois cavalos sem que os demais habitantes da casa percebessem. Os dois fizeram o possível e aparentemente conseguiram.

Por toda a cidade havia como que uma névoa de garoa, e era como se as luzes mortíferas dos lampiões projetassem fantasmas movediços.

Camila parou a fim de admirar as sombras fantasmagóricas, mas o primo a chamou. O cemitério era do outro lado da cidade e ainda tinham de cavalgar um bocado.

Chegando ao portão do cemitério, o pio estridente de uma coruja fez com que os cavalos empacassem. Eles se entreolharam, sentiram o suor brotar por todo o corpo, mas não comentaram. Com leves chicotadas, fizeram os cavalos andarem até o túmulo de onde fora retirado o

esqueleto. No pequeno trajeto, os cavalos pisotearam as garrafas que restaram da festa.

- A festa foi boa! - Camila comentou tentando afastar o medo.

Ao desmontar, reparou que a terra estava fofa e seria fácil revira-la. Mas antes de começar o trabalho, se deu conta de que estava num cemitério, no meio da noite e a podridão do morto ainda recendia.

Neste momento, a lua minguante saiu de trás das nuvens e ela sentiu um frio gelado perpassar-lhe os ossos. Deu um pulo e abraçou-se ao primo.

Ele não disse nada, mas ela sentiu que também ele tremia. Era mesmo uma prova de coragem ir a um cemitério no meio da noite! A cada movimento das árvores ou a cada pio das corujas que viviam por ali, eles estremeciam. Naquele cenário só se podia pensar em almas de outro mundo.

Tomaram fôlego e resolveram começar a trabalhar, o que fez com que conseguissem amenizar o medo. Mas por mais que revirassem e cavassem a terra com as próprias mãos, não encontraram o pássaro. Joaquim sentia-se arrasado. Chegou a soluçar de tristeza.

Cansada de tanto revirar a terra, Camila se deitou e olhou o céu. Pela pouca luz que havia na cidade, era muito mais estrelado do que o céu que via da sua casa, no seu mundo, mas era o mesmo céu, as mesmas estrelas. Ela olhou o primo tão cheio de tristeza e teve vontade de lhe contar quem era, de onde vinha e como era o mundo em que vivia. Mas se conteve e voltou à busca.

Foi só quando as primeiras claridades do dia começaram a surgir que conseguiu convencê-lo a retornar para a chácara. E eles fizeram o caminho de volta cabisbaixos. Por mais que Camila tentasse animá-lo afirmando que talvez um dos colegas tivesse pego a estatueta e que a devolveria no dia seguinte, não conseguiu.

Estava preocupada. Apesar do que vó Francisca dissera, se Joaquim não mais encontrasse a estatueta, ficaria triste demais. E ela não gostava de ver o primo triste.

Como o escravo previra, entraram na chácara e depararam-se com dona Elisa furiosa.

- Aonde já se viu uma menina pela rua no meio da noite!, - ela esbravejou assim que os avistou.

Mas ao saber o que havia ocorrido, acalmou-se. Sentiu-se muito triste pela perda e por não poder fazer muito para recuperar o pássaro.

Camila foi ao quarto de vó Francisca e contou o que ocorrera. A avó ficou pensativa, e repetiu que a estatueta ainda ficaria por muito tempo nas mãos de Joaquim. Não estava definitivamente perdida. Com certeza um dos rapazes que estivera na tal iniciação a encontrara e a devolveria. Camila sentiu um novo alento, mas não podia explicar ao primo. Tinham de esperar.

Como aquela aventura não seguia o tempo normal, mas a forma como vó Francisca a contava, no dia seguinte, que pensavam perguntar aos colegas quem vira a estatueta, era o dia da chegada da locomotiva em São Paulo.

Vó Francisca animou-os:

- Hoje é dia de festa! Vamos nos divertir com todo o povo da cidade!

E assim foi.

25. A chegada da locomotiva

Os estrangeiros chegavam a São Paulo, e as pessoas os viam com roupas estranhas e redes nas mãos, caçando borboletas. Não sabiam que eram cientistas descobrindo as espécies animais e vegetais dos trópicos. Viam os trilhos chegando e também ouviam as histórias fantásticas sobre a locomotiva, mas não faziam idéia do que fosse.

Naquela manhã, ainda não era uma inauguração oficial. Eram testes, como diziam os ingleses. Quase toda a população de homens, mulheres e crianças havia atulhado o espaço em frente à estação, espalhava-se pelo Jardim da Luz e se apertava nas ruas adjacentes, para ver chegar o tal animal metálico de que tanto se falava.

A banda tocava. A multidão impetuosa ia se infiltrando pela praça da estação e pelo Jardim da Luz, espalhando tachos e tabuleiros, repletos de tudo o que fosse possível vender.

A espera era suportada com excitação. Cada um dos habitantes já ouvira falar muitas coisas sobre os trens, e sabiam casos escabrosos onde gente era despedaçada nos trilhos, casos de amores impossíveis que se reencontravam por causa do trem, e até de doentes que eram transportados e salvos.

Também sabiam que mesmo na Europa havia sábios que desaconselhavam o uso daquele meio de transporte, por acreditarem que andar a uma velocidade maior do que a de um cavalo galopante causaria sérios danos à saúde. Com todas essas idéias, cada instante de espera aumentava a ansiedade de ver com os próprios olhos o tal prodígio.

Embora estivessem melhor preparados do que os habitantes de Santos, os habitantes de São Paulo não tiveram menor susto. Desde que puderam avistá-la, a locomotiva surgiu como uma estátua divina.

Lentamente, entre assobios e bufos, ela aproximou-se da estação. Num alvoroço geral, jogando os chapéus para cima e abanando lenços, bandeiras e flores, entre os acordes da banda e as aspersões de água benta do padre, assombradas, as pessoas viram a locomotiva mais negra e resfolegante do que poderiam ter imaginado.

Ela se aproximava toda enfeitada de flores, com o maquinista e o foguista acenando-lhes. E diante da visão, as pessoas choravam e riam sem saber o que fazer, e sem acreditar realmente no que viam. Cada qual queria pôr a mão naquele imenso animal de ferro para ter a certeza de que aquilo não era obra da fantasia.

Acalmada a comoção, um inglês tomou o lugar do maquinista e depois de pedir

silêncio, como se fosse um professor, explicou como a locomotiva chegara a São Paulo. Mostrou como o foguista ia pondo com a pá, o tanto de carvão para fazer fogo e ferver a água que formava o vapor e acionava os pistões, que por sua vez movimentavam as rodas e faziam a locomotiva caminhar. Não era milagre ou fantasia, era a técnica moderna!

Desde que começara o trajeto da locomotiva de Santos a São Paulo, os animais da mata, bem como as pessoas que a conheciam, iam sendo sacudidos por uma respiração ofegante e desconhecida. Era o progresso chegando!

Camila esteve todo o tempo ao lado de Joaquim. Sabia que o primo era um entusiasta das novidades, mas não vira um único sorriso em seus lábios. Apesar de prestar atenção em tudo o que estava acontecendo, ele estava infeliz. Faltava-lhe a estatueta tão querida.

No meio do tumulto da chegada da locomotiva, ele encontrou diversos colegas da escola. Perguntava-lhes se não haviam encontrado sua estatueta, mas nenhum deles a vira.

Todos eles estavam entretidos com a novidade. Todos eles queriam ser adultos e importantes, entender o progresso e mostrar-se bem vestidos.

Camila se lembrou dos parentes e familiares no enterro da avó. Cada um vivia de tal forma entretido com seus afazeres que não via a vida ao seu redor. Tanto que ela e a avó construíram todas as histórias no computador e ninguém da família tinha idéia do que faziam!

Ali era a mesma coisa. Os colegas de Joaquim estavam entretidos com o próprio orgulho e nem viam seu abatimento. Os moradores da chácara ficaram tristes com a perda, mas não avaliavam a grandeza da sua dor. Além do que, todo o alvoroço daquela festa punha Elisa, Carolina e vó Francisca eufóricas, sem cabeça para pensar em outra coisa que não fosse a locomotiva e os ingleses que a engendraram.

Foi então que Camila se sentiu mais amiga daquele primo. Embora não houvesse o que fazer para remediar sua dor, o fato de estar ao seu lado e tentar falar de coisas boas, distraíndo sua atenção, diminuía-lhe a tristeza.

Pensou nos videogames em que havia lutas ferrenhas do bem contra o mal. Na vida, talvez nada fosse um bem ou mal definitivo. Joaquim perdera a estatueta e estava triste, o que era considerado um mal, mas esse mesmo mal, fazia com que ela conseguisse se tornar mais amiga dele, o que fazia muito bem aos dois.

Depois de lhe contar muitas histórias, ao ver o primeiro sorriso se esboçar em seu rosto, Camila sentiu vontade de abraçá-lo de alegria, ao mesmo tempo em que sentia tristeza frente a possibilidade daquela realidade virtual ter um fim.

Teria de retornar ao seu mundo, o pai e a mãe exigindo que fosse uma das melhores alunas. Os colegas preocupados em comprar tênis, camisetas e calças jeans de novas grifes. Mais preocupados ainda com as vitórias nos videogames. E pior, teria de viver num mundo onde não existia nem Joaquim nem vó Francisca.

Mais uma vez, Camila sentiu vontade de contar ao primo quem era e de onde vinha. Mas olhou bem nos seus olhos, e achou que ainda não era a hora. Seria muito difícil fazê-lo entender o que nem ela entendia.

Observando-o entre os colegas, ele não era senão um rapaz inteiramente igual a tantos outros. A avó chamara-lhe a atenção para o fato de que se algum dia ele tivesse a chance de

conhecer-lhe os colegas, ficaria atônito com a quantidade de adolescentes idênticos, vestidos em calças jeans e camiseta. Aos olhos dele, ela não passaria de mais uma adolescente igual a todos os da sua escola ou seu mundo.

Mas naquela convivência misteriosa, que parecia tão normal, um estava cativando o outro, e gostavam tanto de estar juntos que acabariam por ter necessidade um do outro.

Camila suspirou diante de tanto mistério. Afinal, tudo o que acabava de pensar só poderia ser visto com o coração. As coisas da alma eram invisíveis para os olhos e, na maioria das vezes, inexplicáveis.

26. A busca

Na tentativa de distrair Joaquim, Camila contou-lhe histórias de um tempo onde o homem não só caminhava sem ser puxado por cavalos, mas onde inventava meios de voar! Viajar pelos ares para países distantes! Ir para a lua em foguetes! Também falou de telas mágicas onde podia-se assistir fatos que estavam acontecendo em locais muito distantes.

Segurando a caveira, afirmou que haveria um tempo em que se fabricariam muitas delas com um material que seria inventado e que se chamaria plástico. Construiriam fábricas para fazê-las muito perfeitas. Seriam feitas aos milhares e não causariam o mesmo efeito de ossos de um morto. Ninguém iria precisar de uma iniciação em uma escola conceituada para obtê-la, bastaria passar em uma loja e comprar quantas quisesse.

Joaquim balançava a cabeça e sorria. As histórias lhe pareciam maluquices alucinadas da prima e tiveram o poder de fazê-lo esquecer da tristeza por ter perdido a estatueta.

- A prima devia escrever livros, - comentou com os olhos verdes começando a se iluminarem. - Com tantas histórias malucas que lhe passam pela cabeça!

Camila olhou-o e viu um pouco de alegria estampando-se em seus olhos. Os dois conversavam na varanda e ela sentiu que o ar se movimentava como se um bando de pássaros de asas perfumosas agitasse as asas.

Foi somente dois dias depois da chegada da locomotiva que a Academia voltou a funcionar e Joaquim foi à escola. Pôde então falar com cada um dos colegas que estivera na sua iniciação e explicar sobre a perda do pássaro.

Joaquim mal conseguiu acreditar quando ouviu um dos colegas afirmar ter encontrado o pássaro caído na terra, misturado às garrafas vazias. Surpreendera-se com sua beleza e o trouxera com ele, deixando-o na escola. Mas estava de tal forma bêbado, que não se lembrava aonde o havia colocado.

Numa primeira busca, Joaquim não o encontrou, mas certo de que estava na escola, foi para a casa transbordando de felicidade. Afinal seria uma questão de tempo e paciência para procurar. O colega, que encontrara o pássaro, tinha certeza de tê-lo levado para a Academia.

No dia seguinte, embora todos os alunos, professores e empregados da Academia se empenhassem em revirar cada canto dos sombrios corredores e das salas de aula, o pássaro da boa-sorte não foi encontrado.

Naquela noite, carregando uma vela, Camila foi ao quarto do primo. Percebeu que

chorava. Seus olhos verdes estavam cheios de lágrimas que começavam a rolar.

Não lhe ocorreu nenhuma história engraçada para contar. Não sabia como consolar um primo querido que existia numa realidade virtual que ela mal conseguia compreender. Quis lhe dizer que vó Francisca tinha certeza de que a estatueta seria encontrada. Mas se sentia desajeitada. Não sabia como atingi-lo, como chegar ao seu coração. Ela mesma já chorara tantas vezes na vida, mas ali, as lágrimas do primo pareceram-lhe tão misteriosas. Limitou-se a segurar-lhe as mãos até que as lágrimas cessassem.

27. A viagem inaugural

Nos dias que se seguiram, Carolina, Elisa e vó Francisca não faziam outra coisa que não fosse tentar consolar Joaquim. Nhá Rita fazia os pratos de que ele mais gostava, mas não havia o que pusesse seu ânimo melhor.

E estavam nessa tarefa quando receberam o convite para a viagem inaugural do trem.

Toda a família foi convidada. Carolina, Elisa e vó Francisca esqueceram os problemas e se dedicaram aos preparativos. Era preciso comparecer com as melhores roupas! Camila também se animou e fez com o primo uma chantagenzinha:

- Primo, só vou à festa se você me prometer que vai ficar alegre. Quando terminar, a escola vai estar vazia. Vou com você até lá, vamos revirar tudo de pernas para o ar, e prometo que encontraremos o pássaro!

Joaquim prometeu não ficar triste e fez todo o esforço para acreditar na prima.

Camila estava se aprontando quando vó Francisca entrou em seu quarto. Ela vestira o vestido novo feito na loja das francesas e terminava de colocar o chapéu de palha enfeitado de flores. Vó Francisca viu a neta e ficou por uns momentos com os olhos arregalados, boquiaberta.

- Você está parecidíssima com a minha mãe, sua bisavó! Vestida no mesmo vestido florido e o mesmo chapéu de palha enfeitado de flores, tal como está numa foto que transferimos para a memória do computador.

Camila olhou no espelho e viu seu rosto igual ao da bisavó Elisa quando jovem, com o chapéu de palha cheio de flores. Só então se deu conta de que fora ela mesma a escolher na loja das francesas aquela roupa e aquele chapéu. Como todos aqueles absurdos passaram a ser normais, ela não se assustou e aproveitou para perguntar a vó Francisca que idade tinha no dia daquela viagem inaugural.

- Nós não estamos no mundo de verdade! Estamos na realidade virtual! Trabalhei muito para *escanear* as fotos para dentro do computador. Como já disse, as histórias estiveram na memória de nossas antepassadas. Ou será que nós mesmas vivemos tudo isso em outras vidas!

Ela arregalou os olhos surpresa com as próprias idéias, mas em seguida abanou a mão, como era seu jeito de dizer que o assunto estava encerrado ou não era tão importante.

Como Camila, vó Francisca estava ansiosa. As duas foram para a varanda onde os moradores da chácara se reuniam. Acomodados na charrete, montados a cavalo ou a pé, todos foram para à festa. A chácara ficou vazia!

Na manhã radiosa do dia 6 de setembro de 1865, na estação da Luz, ninguém poderia imaginar as tantas surpresas, boas e más, que o dia lhes reservava.

Como no dia em que chegou a locomotiva, mais uma vez montou-se na estação uma feira de tabuleiros que vendiam de tudo. A população de homens, mulheres e crianças tinha atulhado o espaço em frente à estação para ver partir o trem carregando as autoridades em sua viagem inaugural.

A primeira atração foi o batizado das duas locomotivas denominadas Mauá e Ipiranga. A elas, estavam engatados cinco carros de passageiros para acolher cerca de cem convidados especiais. Antes do passeio, era permitido que as pessoas entrassem, observassem e tocassem tudo o que quisessem. Dentro do prodígio, cada um nutria o desejo secreto de qualquer dia ser ele a viajar naquela máquina fantástica, experimentando velocidades suicidas.

O dia era de festa e a fleuma dos britânicos infundia a coragem necessária a cada um dos presentes. A banda se acalmou e um dos engenheiros ingleses explicou em detalhes o funcionamento das locomotivas que puxariam os vagões.

Toda a família de vó Francisca fazia parte dos convidados especiais, bem como o presidente da província, o diretor da Academia de Direito e outras autoridades civis, militares e do clero.

Sob grande alvoroço, e com a certeza de que, na volta, os estaria esperando um lauto banquete oferecido pela câmara municipal, os participantes da histórica viagem tomaram seus lugares nos vagões. Com um sorriso tenso, homens e mulheres observavam cada detalhe.

Embora chegassem animadíssimos com a idéia de testemunhar tamanho prodígio, bem no fundo da alma controlavam um frio que lhes descia pelas entranhas.

Camila não podia lhes dizer que aquilo não era nada se pensassem em viajar num avião, mas achou que era melhor partilhar do assombro geral.

A máquina se pôs a funcionar. No primeiro tranco todos se entreolharam com pavor e tentaram sorrir. Lentamente os vagões começaram a se mover. Um pouco desconfiadas da eficácia do transporte, as autoridades olhavam-se de esguelha. O vapor agia, lançando fagulhas pela chaminé e os vagões sobre os trilhos obedeciam ao comando da máquina.

Transtornados pelas vibrações das paredes de madeira e pela exalação insuportável dos próprios suores de apavorados, cada qual improvisava um sorriso. Com exceção dos ingleses que mantinham a fleuma e tentavam transmitir toda a sua confiança no transporte que eles próprios inventaram, os demais sentiam um grande medo.

Quando a composição transpunha a ponte sobre o rio Tamandateí, no Pari, aconteceu algo que não produziu espanto, mas uma espécie de alucinação.

A locomotiva resfolegante levantou-se com uma força sísmica, uma respiração vulcânica, um rugido de cataclisma, e com uma rabanada de dragão, se deixou arrastar fora dos trilhos, quase no ar, como que flutuando no pasmo da multidão.

Passado o estrondo, um silêncio fantástico caiu sobre tudo. Não se ouvia um suspiro entre a multidão compacta e petrificada.

De repente, um grito quebrou o encantamento:

- O maquinista morreu!

Começou uma movimentação disparatada. Uns corriam para o desastre a fim de salvar mortos e feridos, outros corriam em direção oposta, apavorados que ainda fosse explodir mais alguma coisa. Por fim a maioria ajuntou-se ao redor da locomotiva descarrilhada.

Enquanto do lado de fora a comoção era geral, cada um dos ocupantes dos vagões experimentou os membros e os sentidos até ter certeza de estar vivo. Muito lentamente foram se movendo até que saíram dos vagões e perceberam que o único morto era o maquinista.

Embora os demais não estivessem feridos, foi uma decepção muito séria. O banquete foi deixado às moscas. Levaram o maquinista para sua casa e providenciaram-lhe o enterro. Enquanto o carpinteiro tirava-lhe as medidas para fazer-lhe o caixão, a população se recolheu cabisbaixa e enlutada.

Observando toda aquela confusão, Camila lembrou o sonho que tivera na noite da morte de vó Francisca. Nele, vira um dragão resfolegante levantar-se com uma força sísmica, emitindo um rugido de cataclisma. Apesar do tamanho e do peso, o monstro ficou como que flutuando no ar. Foi exatamente o que ocorreu com a locomotiva!

28. A recuperação da estatueta

Depois de tão complicado desastre, Camila cumpriu a promessa de ir com o primo à escola. A população estava entretida com a decepção e os dois arranjaram uma charrete que os levou até o largo em frente à escola.

Ao mesmo tempo em que estava excitado com a possibilidade de encontrar seu pássaro, Joaquim estava desapontado com o desastre.

- Prima, será que os ingleses vão conseguir fazer o trem funcionar?

- Claro que vão! Os desastres acontecem, mas a perseverança dos homens é sempre maior.

Infelizmente ela não poderia lhe dizer que ter ido parar naquela realidade virtual e ter visto a construção da ferrovia lhe fizeram dar mais valor a perseverança dos homens que construíam os prodígios da civilização. Era tão fácil a gente sentar num carro ou num avião, ou mesmo na frente da televisão ou do computador e simplesmente utilizar toda a tecnologia contida nos objetos. Foi só depois daquela vivência, descendo e subindo a serra no lombo de um cavalo, que começou a se dar conta do tanto de trabalho e arrojo que precisavam ter os homens que engendraram as novidades.

Quando chegaram em frente à escola, Camila sugeriu que fossem rezar na igreja de São Francisco, ao lado da Academia. Seria bom pedir a Deus que levasse a alma do maquinista como levara a de vó Francisca: nas asas das borboletas.

Joaquim concordou, e ela pensou em rezar também para que se encontrasse o pássaro da boa-sorte.

Os dois estavam ajoelhados rezando, quando Camila levantou os olhos e fixou-os no altar.

Ela estava olhando cada uma das imagens quando, para sua surpresa, entre elas, viu um par de olhos mais brilhantes do que os outros. Eles a fitavam com tal intensidade que ela reconheceu o pássaro. Segurou a mão do primo e quando ele levantou a cabeça, ela apontou o altar. Imediatamente ele percebeu o olhar brilhante do seu pássaro da boa-sorte.

Sem acreditar no que via, ele voltou os olhos para Camila, e ela pôde sentir aquele brilho delicioso de felicidade transbordando. Os dois caminharam até o altar e Joaquim estendeu a mão e pegou o pássaro.

Camila ficou enternecida ao vê-lo acariciar a estatueta como se fosse um pássaro de

verdade.

- Esta estatueta me é muito querida e me lembra uma avó muito especial! - Ele falou desculpando-se pela emoção.

Camila sorriu e colocou suas mãos sobre as dele na estatueta. Ele olhou para Camila e, por um momento, achou que ela possuía o mesmo olhar carinhoso da avó, o que o deixou intrigado e ao mesmo tempo mais feliz. Os dois estiveram por um longo tempo se olhando e olhando a estatueta, sem saber como falar o que sentiam.

Passada a emoção, Joaquim teve a curiosidade de saber como a estatueta fora parar no altar. Foram à sacristia. Encontraram um padre que lhes falou que um dos noviços encontrara a estatueta jogada no pátio da Academia. Ficou tão impressionado com a perfeição que a levou para o altar a fim de alegrar as outras imagens. No convento ninguém sabia que a estavam procurando.

Camila pensou que naquele dia vivenciara duas coisas importantes. Finalmente soubera como a avó vira pela primeira vez a morte no desastre do trem e tinha a oportunidade de ver o primo tão feliz reencontrando seu pássaro da boa-sorte.

Joaquim estava radiante! Depois de guardar o pássaro dentro do colete, pegou a mão de Camila e beijou-a.

Um estremecimento muito gostoso subiu pelo braço e perpassou por todo o corpo de Camila. Ela sentiu que o ar se agitava como se um bando de pássaros batesse as asas e espalhasse por toda a igreja o perfume de flores silvestres.

Os olhos de Joaquim estavam verdíssimos e iluminados. Camila olhou-o bem nos olhos e sentiu a profunda emoção que se traduzia num imenso desejo de abraçar aquele primo tão querido. Mas alguém batia-lhe com força nas costas.

29. A volta ao mundo de verdade

- Camila, você está enfiada neste computador há horas! O que faz com os óculos e as luvas de sua avó?

Transtornada, Camila se voltou, tirou os óculos e viu a mãe ao seu lado. Aos poucos, foi reconhecendo o escritório, a tela do computador, as paredes, enfim, o seu mundo de verdade. Levou algum tempo até ter certeza de que havia saído da realidade virtual.

- Chega, menina!, - ela ouviu a voz da mãe. - Você vai acabar com problema nas vistas!

Camila estava atordoada. Não podia dizer o que acabava de lhe ocorrer. E mesmo que contasse, ninguém jamais acreditaria.

- Amanhã é dia de aula! Aposto que você ainda não fez as lições!

A voz da mãe soava tão longínqua. Camila lentamente tirou as luvas da avó e, junto com os óculos, guardou-as na gaveta.

- Que horas são?, - perguntou.

- Já é de noite! Você esteve todo o dia enfiada no computador! Talvez tenha estado aí desde o enterro da sua avó! Nem prestei atenção!

Camila sorriu. Estivera realmente enfiada no computador. Fora tão bom como estar num sonho, onde nada tem explicação. As coisas vão acontecendo sem nosso controle. Ou mesmo como ir ao cinema onde, por mais absurda que fosse a história, enquanto se está na sala escura, acredita-se nela.

No entanto, tinha absoluta certeza que estivera com vó Francisca e conhecera o primo Joaquim. E a melhor coisa do mundo era ter certeza que, mesmo numa realidade virtual, havia alguém, cuja simples presença lhe causava tanto gosto.

De volta ao seu mundo de verdade, era preciso estudar, fazer as lições, ir à escola. Quem sabe um dia não conseguisse o mesmo empenho dos ingleses que engendraram as máquinas a vapor e a locomotiva, e engendraria técnicas de realidade virtual para melhor aproveitar os sonhos e a imaginação! Não videogames com regras e disputas com a máquina, mas vivências maravilhosas como a que acabava de lhe ocorrer.

Sentia-se cansada. Com certeza estava enfiada no computador desde o dia anterior. Era preciso dormir uma noite bem dormida!

Antes de desligar o computador, colocou na tela a foto em que Joaquim aparecia. Depois de estarem aquele tempo juntos, ele pareceu-lhe completamente diferente da simples imagem da foto. Já não era mais um dos tantos antepassados que se deixaram fotografar ou pintar. Era alguém muito, mas muito querido.

Embora ele fosse igual a todos os estudantes da época dele, e ela se vestisse como todas as estudantes da sua época, haviam cativado um ao outro, sentiam amizade, afeto. Gostavam de estar juntos. Tanto Joaquim como vó Francisca, as duas pessoas que mais gostava na vida, estavam num mundo feito de realidade virtual. E era a possibilidade de acesso àquele mundo que a avó lhe deixara com seus óculos e luvas. Camila tinha certeza de que ainda iria viver muitas aventuras com as pessoas de quem mais gostava.

Seu pensamento foi tão forte, que por um momento viu na imaginação o primo e a avó do jeitinho que estavam na realidade virtual. Sentiu no ar o bater das asas de pássaros e o perfume de flores silvestres. Fechou os olhos para se certificar que não era uma ilusão. Ao abri-los, a visão tinha desaparecido, mas o quarto estava impregnado do cheiro bom de flores silvestres. Divisou cada canto ao seu redor para saber que mundo era aquele. Seu mundo de verdade estava intacto. Camila novamente olhou a imagem na tela do computador.

- Vó Francisca, vou voltar à realidade virtual por você, e também pelo primo Joaquim!, - ela falou antes de apagar a tela e ir se deitar.